

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

**FOTOGRAFIAS FAMILIARES COTIDIANAS: AS IMAGENS COMO RECURSOS
COMUNICACIONAIS TECNOLÓGICOS DE EXTENSÃO
DA MEMÓRIA BIOLÓGICA HUMANA**

ELISETE DUARTE BAIÃO

SÃO PAULO

2009

ELISETE DUARTE BAIÃO

**FOTOGRAFIAS FAMILIARES COTIDIANAS: AS IMAGENS COMO RECURSOS
COMUNICACIONAIS TECNOLÓGICOS DE EXTENSÃO DA MEMÓRIA
BIOLÓGICA HUMANA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, na área de concentração: “Comunicação na Contemporaneidade”, linha de pesquisa “Processos Midiáticos: Tecnologia e Mercado”, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Comunicação .

Orientador: Prof. Walter Teixeira Lima Junior

São Paulo - SP

2009

BAIÃO, Elisete D. Fotografias familiares cotidianas: as imagens como recursos comunicacionais tecnológicos de extensão da memória biológica humana. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2009

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vera Lucia Crevin da Silva
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dra. Dulcília Schroeder Buitoni
Faculdade Cásper Líbero

Prof. Dr. Walter Teixeira Lima Junior
Faculdade Cásper Líbero

Dissertação apresentada e aprovada em: 16/02/2009

**Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para
todo o propósito debaixo do céu. Eclesiaste 3.1**

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre...

À dona de casa, Valdemira Paes Landim, minha mãe e ao pedreiro, “seu” João Duarte Baião, meu pai, por terem criado seus doze filhos com a sabedoria que só a vida pode trazer.

À florzinha – sobrinha Camila, agora com 14 anos, pelo carinho e por ser a principal inspiração para as minhas fotografias.

À minha grande família: Gorete, Edvaldo, Ivanilde, Adelson, Cosme, Gilberto, Laide, Márcia, Fábio, Viviane e Alan, meus irmãos que acompanharam o início deste trabalho, sempre dando o apoio que precisava.

Aos seres humanos que Deus transformou em anjos para estarem ao meu lado quando mais precisei: Vera Crevin e João Elias. Aos meus novos amigos: Cleusa, Ary, Claudio, Marcela.

Aos meus professores Dulcília Buitoni, Claudio Coelho, Laan Mendes, Marcelo Coutinho, Sergio Amadeu. Vocês são os meus jequitibás.

Às amigas, Ângela, Regina e Vilma pelo apoio incondicional que recebi.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Walter Teixeira Lima Junior. Eu sempre disse que ele não entrou em minha vida por acaso, mas por ter a missão de fazer a sua orientanda concluir o mestrado; este o maior desafio da sua vida até hoje. Meu agradecimento será *add infinitum*.

BAIÃO, ELISETE DUARTE. FOTOGRAFIAS FAMILIARES COTIDIANAS: AS IMAGENS COMO RECURSOS COMUNICACIONAIS TECNOLÓGICOS DE EXTENSÃO DA MEMÓRIA BIOLÓGICA HUMANA.

RESUMO

Fotografias Familiares Cotidianas: as imagens como recursos comunicacionais tecnológicos de extensão da memória biológica humana é resultado de um trabalho ligado à linha de pesquisa *Processos Midiáticos: Tecnologia e Mercado* e reúne contribuições teóricas interdisciplinares a fim de aprofundar o estudo da fotografia de forma dialógica, compreendendo-a por meio de sua história sócio-comunicacional e tecnológica. Nesse sentido, adota-se a *pesquisa qualitativa-bibliográfica* como recurso metodológico exploratório e norteador para a análise de referenciais marcantes sobre o objeto em questão – a fotografia como uma memória externa ao indivíduo. A *amostra teórica* selecionada segue critérios de *representatividade* para garantir a interdisciplinaridade exigida nos objetivos: mostrar as transformações ocorridas nos registros de eventos familiares com o advento da digitalização das fotografias e estudar as tecnologias digitais utilizadas pela fotografia como extensão da memória biológica humana. Dessa forma, procura-se, de forma *dedutiva e dialética*, estabelecer *relações* de conceitos e posturas de autores, frente à fotografia, nas áreas de comunicação social, neurociência e tecnologia, no último século. A confluência interdisciplinar da pesquisa, aliada ao recorte temporal contribuem para *contextualizar* as transformações sócio-tecnológicas no campo da fotografia e *problematizar* sobre a valorização do recurso, bem como sobre a proliferação do hábito de registro e arquivo de imagens fotográficas como memória auxiliar à biológica e humana. A pesquisa traz indicadores de que a fotografia familiar cotidiana auxilia a memória biológica como fonte de evocação de lembranças, tornado-se um prolongamento tecnológico da memória.

Palavras-chave:

Fotografia. Família. Memória. Tecnologia. Extensão.

BAIÃO, ELISETE DUARTE. EVERYDAY FAMILIAR PHOTOGRAPHS: IMAGES AS COMMUNICATIVE TECHNOLOGICAL RESOURCES OF EXTENSION OF THE HUMAN BIOLOGICAL MEMORY

ABSTRACT

Everyday Familiar Photographs: images as communicative technological resources of extension of the human biological memory is a result of a study connected to the research line *Mass Communication Processes: Technology and Market*, which adds interdisciplinary theoretical contribution to deepen the study of photography in a dialogical way that understands it through its socio-communicational and technological history. Thus, the *bibliographic-qualitative research* is adopted as a methodological resource to explore and guide the analysis of remarkable indicatives concerning the object in question – the photography as an external memory for the individual. The selected *theoretical sample* follows the *representative* criteria to assure the interdisciplinarity that is necessary for the purposes: to show the changes occurred in the registers of familiar events with the arrival of digitalization of photographs and to study the digital technologies used by photography as an extension of the human biological memory. Then, in a *deductive and dialectic* way, the study aims to establish concept *relations* and author attitudes towards photography, in the areas of social communication, neuroscience and technology during the last century. The interdisciplinary confluence of the research, in association to the time outline, contributes to contextualize the socio-technological changes in the field of photography and to question about the value of the resource, as well as the proliferation of the habit of registering and archiving photographic images as auxiliary memory to the human biology. The research brings indicatives that everyday familiar photograph helps the biological memory as a source of evocation of remembrances, becoming a technological extension of memory.

Key-words: Photography. Family. Memory. Technology. Extension.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo I. As memórias das famílias guardadas nas fotografias.....	18
1.1. Histórico.....	18
1.1.2. A fotografia da família brasileira.....	21
1.2. Razão e sensibilidade – as fotografias das mães.....	25
1.3. O conceito família.....	30
1.4. A formação memória familiar por meio das fotografias.....	35
1.5. Razões para fotografar.....	46
Capítulo II. As memórias do homem.....	51
2.1. A interdisciplinaridade da pesquisa.....	51
2.2. Uma breve passagem pela neurociência.....	53
2.3. A memória.....	56
2.3.1. Tipos de memória.....	58
2.4. O esquecimento.....	59
2.5. A fotografia como extensão da memória.....	61
Capítulo III. As memórias fotográficas da família ampliadas pela tecnologia.....	72
3.1. Adoção da tecnologia pelo homem e do homem pela tecnologia.....	72
3.2. A digitalização das imagens da família.....	74
3.3. Recursos tecnológicos de expansão da memória.....	81
Conclusão.....	85
Referências Bibliográficas	89

LISTA DE FOTOGRAFIAS E FIGURAS

Fotografia 1 - Paço Imperial , Rio de Janeiro - século XIX.....	21
Fotografia 2 - D. Pedro II e imperatriz Tereza Cristina	22
Fotografia 3 - Última fotografia da família imperial	23
Fotografia 4 - Charles Baudelaire.....	27
Fotografia 5- Ultra-som	39
Fotografia 6 - Túmulo da Marquesa de Santos	40
Fotografia 7 - Camila e tia Vâni.....	46
Fotografia 8 – Casamento de Karen Cristina e Paulo S. Santos	47
Fotografia 9 - Casamento de Laide	48
Fotografia 10 - Aniversário família Froes.....	49
Figura 1 - Sistema Nervoso Central	56
Fotografia 11 - Camila e amigo na festa junina da escola.....	60
Fotografia 12 - Patrícia , Ana Helena e Luca.....	66
Fotografia 13 - Sandra e Beatriz	68
Fotografia 14 - Beatriz	69
Quadro 1 - Transição do modelo de consumo da tecnologia analógica para a digital	77
Quadro 2 - Comparativo da transição da tecnologia analógica para a digital	79
Fotografia 15 - João Gilberto, Camila e Matheus.....	80
Fotografia 16 - Camila vestida de noiva caipira.....	84

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Se os primeiros registros de imagens, as pinturas rupestres em cavernas, possuem um caráter antropológico, a fotografia possui um caráter científico já que obedece às leis da física ao ser inventada após uma sucessão de estudos feitos desde a Idade Média com a câmara escura e por observações das reações de produtos químicos utilizados, inclusive na litografia. Após um longo período em que vários cientistas e pesquisadores tentavam fixar as imagens da câmara escura que já eram conhecidas desde Leonardo da Vinci, foi reconhecida como a primeira invenção tecnológica do século XIX a interferir nas percepções humanas, principalmente na visual e obteve *status* científico ao ser patenteada pela Academia de Ciências e Belas Artes de Paris, no dia 19 de agosto de 1839.

No Brasil do século XIX, o hábito de fotografar é inserido no cotidiano nacional pela família imperial, mas por causa da limitação técnica, da insuficiência do recurso e os seus custos elevados, este uso restringe-se aos mais abastados, tornando-se um símbolo de posição social. É só no final deste século, quando há uma notável evolução técnica, que garante mais rapidez no ato de fazer e reproduzir a fotografia, que o álbum de família vem guardar, organizar e caracterizar o espaço em que seria escrito, por meio das imagens em preto e branco, a história¹ da família.

Assim, as narrativas orais deixam de ser suficientes para garantir que o acontecimento não seja esquecido, é necessário guardá-lo na forma material, antes possível somente por meio das cartas, dos diários e dos livros. As fotografias ou os retratos de família aparecem como referência da memória. Montar álbuns fotográficos torna-se um hábito universal consolidado ao longo de décadas e repetido nas mais diversas culturas. Os álbuns contam em suas páginas, histórias privadas. Só se guarda o que é selecionado pela lente da câmara e definido como importante pela a família. Há uma intenção real de preservar o que foi fotografado.

¹ Entenda-se história, a narrativa que montamos a partir da memória.

Na luta entre a intenção de imortalização de acontecimentos familiares e a memória biológica que, com o passar dos anos, fica sujeita a falhas causadas pelas interferências bioquímicas do próprio organismo e de tensões externa, a fotografia cumpre essa função de preservação já que é capaz de paralisar o tempo e conservar intacta, dentro de um recorte de papel quimicamente tratado, a imagem do que já existiu – funcionando como uma memória externa.

Se esquecer, é perder no vácuo do tempo, detalhes preciosos da história de vida, fotografar é preservar esses detalhes. Logo, é possível considerar a existência de uma estreita relação entre a fotografia e a memória, especificamente a fotografia de família.

Atualmente se fotografa mais, já que as facilidades trazidas pelo barateamento das câmeras digitais fizeram explodirem definitivamente o número de registros. O ato de guardar as fotografias em álbuns feitos de papel também sofreu mudanças, e embora esta forma histórica coexista com outras formas de armazenamento digitais, a principal modificação foi o alargamento da capacidade do homem em terceirizar conteúdos, informações e principalmente, suas memórias.

Nesses quase 170 anos de registro na Academia de Ciências e Belas Artes de Paris, a fotografia passou por inovações significativas e atingiu as artes, as mais diversas áreas da ciência, a comunicação e se submeteu aos impactos revolucionários da tecnologia e da transição analógico-digital. Desta forma, hoje, a fotografia apresenta um amplo campo de abordagens de estudo, a área é rica em textos sobre fotojornalismo, semiótica, estética, intertextualidade, artes, publicidade, história, antropologia visual, entre outras. Mais especificamente, a fotografia, classificada como recurso visual da comunicação, tem sido pesquisada por outras áreas do conhecimento sem que tenha a interface necessária com o campo da comunicação e essas pesquisas, inclusive as realizadas pela neurociência, contribuem para ampliação do entendimento e da assimilação das imagens como um recurso de extensão da memória humana. Contudo, percebe-se uma escassez no estudo da fotografia familiar como recurso de memória extensiva à biológica humana.

As pesquisas mais relevantes sobre isso foram feitas por Pierre Bourdieu, com o lançamento do livro *Un arte medio* em 1965, na França e por Miriam Moreira Leite, no Brasil com a obra *Retratos de família*, em 1993. A primeira obra apresenta um conteúdo de uso social da fotografia feita sob encomenda para empresa Kodak Filmes, a segunda destaca a

importância da fotografia como documentação histórica. Outros autores também citam em suas obras os retratos de família como Kossoy , Sontag, Benjamim, Le Goff; e indiretamente estão se referindo à relação fotografia e memória biológica.

Marshall McLuhan (2005) foi o primeiro pesquisador na área da comunicação social a empregar o termo “*os meios de comunicação como extensão do corpo*”. Apesar de ter seus estudos mais amplos na área da televisão, também há referências no campo da fotografia. Na voz do próprio autor há o reconhecimento da colaboração de dois amigos, Harold Innis (historiador econômico) e Teilhard de Chardim (geólogo e paleontólogo), na formulação de sua principal teoria. Deste último, McLuhan ouviu o que se chamaria de profecias, como a da tecnologia que estava criando um “*sistema nervoso para a humanidade*”.

Parafraseando McLuhan (2005), assim como se compara a roda à extensão do pé humano e o eixo a uma extensão do braço, os meios de comunicação elétricos eram extensões do sistema nervoso central humano, e esses sistemas nervosos haveriam de fundir-se de maneira irresistível. Se McLuhan transforma as idéias dos seus amigos em uma nova teoria, este trabalho busca nele a inspiração para apresentar um estudo que permita compatibilizar conceitos de áreas distintas: a comunicação, tendo como referência a fotografia, a neurociência abordando aspectos da memória biológica e a tecnologia digital, que permite uma expansão sem precedentes de informações. Os recursos tecnológicos digitais disponíveis potencializam o registro, o arquivamento e disponibilizam as imagens fotográficas, caracterizando-as como extensão da memória humana.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como questão norteadora: se a tecnologia da fotografia é uma extensão do nosso próprio corpo, a máquina fotográfica com seus vários recursos tecnológicos pode ser uma extensão do olho humano e a fotografia revelada, um fragmento da memória humana? Para encontrar respostas a esta indagação propõem-se: mostrar as transformações ocorridas nos registros de eventos familiares com o advento da digitalização das fotografias e estudar as tecnologias digitais utilizadas pela fotografia como extensão da memória biológica humana. Desta forma, procura-se de forma *dedutiva e dialética* estabelecer *relações* de conceitos e posturas de autores, frente à fotografia, nas áreas de comunicação social, neurociência e tecnologia, no último século, numa *pesquisa bibliográfica de enfoque qualitativo*, cuja amostra segue critérios de *representatividade* que

atendem a interdisciplinaridade proposta para a análise do objeto em questão - a fotografia como uma extensão da memória.

A pesquisa foi dividida em duas etapas: das fontes primárias e das fontes secundárias. As primárias compreendem o estudo dos autores que nortearão o trabalho. Para fundamentar os aspectos da Comunicação, serão apresentados Marshall McLuhan, por sua obra *Os meios de comunicação como extensão do homem*; Boris Kossov, por seu extenso trabalho na área da fotografia e por relacioná-la a documentação história e memória; Bourdieu por sua contribuição com o livro *Un arte medio*, um estudo sociológico da fotografia; Roland Barthes, por deixar em sua obra *A câmera clara*, fragmentos das suas fotografias de família, entre outros textos; Walter Benjamin, por textos clássicos da área da fotografia contidas no livro *Obras Escolhidas – magia e técnica, arte e política* e Lucia Santaella, essencial para definir e explicar a adoção da tecnologia pela comunicação.

Para fundamentar as referências oriundas da Antropologia são apresentadas Miriam Moreira Leite, por seu trabalho *Retratos de família*; Le Goff, por importante contribuição sobre o discurso da memória; Maurice Halbwachs, por conta de seu profundo estudo em memória coletiva que Henry-Pierre Jeudy complementa com a obra *Memórias do Social*. Pollack configura um importante estudioso da memória. Para finalizar, serão incluídas obras de Ecléia Bosi. As leituras sobre neurociência estarão em princípio centralizadas em Ivan Izquierdo, um dos mais importantes neurocientistas do nosso país.

Serão fontes secundárias, neste trabalho, os textos que citam, revisam ou interpretam as fontes primárias. Essas fontes terão base, principalmente, em Susan Sontag, Etienne Samain, James Fentres e Chris Wickhan.

Vimos, anteriormente, que a fotografia passou a ser parte da história das famílias, hoje, face a globalização e ampliação tecnológica que vivemos e diante da quantidade de informações que circulam diariamente nas conversas informais, nas imagens e sons dos programas da TV e do rádio, na leitura dos jornais e revistas, passando pelas várias senhas de acesso para tudo que necessita de segurança e privacidade, além da utilização simultânea da internet, MSN, telefone, tudo isso sobrecarrega a memória humana e não garante a retenção do que foi visto e ouvido. Para garantir nossa participação efetiva neste novo mundo globalizado, é comum terceirizar ou transferir informações, que não podem ser esquecidas,

para as agendas, livros, anotações, *CDs*, *pendrives*. Assim, diante das limitações da memória biológica humana neste milênio vimos intensificar a utilização de recursos da tecnologia para o arquivamento das imagens fotográficas.

Como já dissemos anteriormente, tudo está à disposição para organizar e garantir a permanência do que há necessidade de ser lembrado porque a memória humana esquece, isto está em sua constituição bioquímica. No entanto, se a memória é singular, as lembranças são plurais, porque são muitas, mas não no sentido poético. As lembranças - evocação da memória - permitem que haja relacionamentos, convívio social. Elas ocorrem o tempo todo, durante toda a vida e a fotografia é uma forma delas serem evocadas.

A fotografia e a memória sempre estiveram juntas o que se prova por meio de frases populares usadas para descrever a memória como: “Ele tem uma memória fotográfica, consegue lembrar-se de tudo com detalhes”. A fotografia realmente grava, mas somente o que é selecionado pelo usuário de uma câmera, o detalhe que não queremos que seja esquecido. Assim, a fotografia é um recurso de extensão da memória, é uma opção duradoura que garante a perpetuação de imagens que o cérebro pode esquecer.

Se a fotografia tem o poder de registrar os marcos familiares significativos temporal e afetivamente, os recursos tecnológicos digitais potencializam esse registro e o seu arquivamento e funcionam como extensão da memória biológica humana.

É neste contexto que se propõe apresentar esta dissertação dividida em três capítulos. No primeiro – *A memória da família guardada nas fotografias* – pretende-se contextualizar a formação da família; uma breve história da família Imperial brasileira e sua admiração pela fotografia. Buscou-se explicações para o hábito de fotografar eventos familiares e de que maneira esse hábito contribui para a formação da memória familiar. Para balizar o conceito de família, inclui-se Levi-Strauss e Engels pela contribuição de seus estudos sobre a formação da família sob o ponto de vista antropológico. Antony Giddens e Romaneli trazem suas contribuições com a análise sociologia atualizada da formação da família. Neste estudo, acredita-se que registro fotográfico de eventos familiares advém da necessidade humana de manter guardadas imagens que representam a sua história. As histórias de fatos acontecidos nas famílias sempre são contadas ao longo de suas vidas e mostrar fotografias faz parte do

ritual desse grupo social. Não aparecer em fotografias é o mesmo que estar excluído dos momentos mais significativos.

No segundo – *As memórias do homem* – abordam-se os caminhos da neurociência. Buscaram-se explicações para a formação da memória biológica, os tipos de memória existentes, a capacidade de armazenamento, e sua localização e porque a memória também esquece. Para justificar a abordagem da fotografia como extensão da memória biológica, a pesquisa seguirá pelos estudos do autor que primeiro apontou o uso da tecnologia como extensão do corpo humano: Marshall McLuhan. De acordo com sua teoria, a roda, o automóvel, o telefone, a fotografia, e outras invenções fundamentadas na tecnologia acabaram se tornando um prolongamento do corpo humano tão intenso que a sua negação ou retirada seria comparável a amputação de um membro. Por se tratar de um estudo interdisciplinar, a base será estabelecida em Edgar Morin que ressalta a necessidade de se buscar na abordagem interdisciplinar um meio de reduzir o preconceito e ampliar o conhecimento com o cruzamento de áreas distintas que se complementam e em Lúcia Santaella que busca na ampliação das abordagens e das pesquisas interdisciplinares uma forma de construir um novo sentido para a comunicação.

No terceiro – *As memórias fotográficas da família ampliadas pela tecnologia* – reflete-se sobre as teorias da comunicação e da tecnologia na abordagem de novas tecnologias digitais no campo da fotografia. As mudanças ocorridas com o advento da digitalização potencializam a utilização do registro, armazenamento e distribuição das fotografias. Enfim, a fotografia foi e continua sendo um recurso tecnológico que espelha *o momento, o período, o contexto e o olhar* de quem participa, presencia, e vivencia a sensação de imortalizar marcos familiares por meio de um clic.

As fotografias que ilustram o trabalho foram selecionadas a partir do arquivo pessoal da pesquisadora, também houve a colaboração de amigos, que após uma solicitação cederam fotografias de suas famílias. Outras foram reproduzidas de site da internet e de diversos livros utilizados na bibliografia. Não houve a intenção por parte da pesquisadora de analisá-las na metodologia de pesquisa adotada para o desenvolvimento da dissertação.

AS MEMÓRIAS DAS FAMÍLIAS GUARDADAS NAS FOTOGRAFIAS

CAPÍTULO I - A MEMÓRIA DA FAMÍLIA GUARDADA NAS FOTOGRAFIAS

*Fotografei você com a minha Rolleiflex
Revelou-se a sua enorme ingratidão
Tom Jobim / Newton Mendonça*

1.1 – Breve histórico da fotografia

A fotografia foi a primeira invenção tecnológica do século XIX a interferir nas percepções humanas, principalmente na visual. Iconográfica desde início, seu uso era limitado e os registros eram feitos por profissionais que dominavam o manuseio dos equipamentos fotográficos e também os processos químicos utilizados para a revelação. As máquinas eram relativamente grandes e somente se popularizaram à medida que a tecnologia reduziu preços e tamanhos, tornando possível a sua incorporação à vida cotidiana.

Esse é o principal trunfo da fotografia, uma invenção assimilada pelos seus usuários por terem encontrado nela uma utilidade que não poderia ser reproduzida ou realizada por outro equipamento. Como era possível transferir para chapas de cobre e prata a figura humana ? Até aquele momento somente os artistas conseguiam reproduzir em suas telas detalhes e expressões humanas.

A fotografia ganhou status de descoberta científica ao ser patenteada pela Academia de Ciências e Belas Artes de Paris, no dia 19 de agosto de 1839, após um longo período em que vários cientistas e pesquisadores tentavam fixar as imagens da câmera *obscura*, que já se faziam conhecidas desde Leonardo da Vinci. Por aproximadamente cinco anos, os pesquisadores Louis Jacques Mande Daguerre e Nícephone Niépce trabalharam até que conseguiram o resultado – fixar as imagens na câmera. Em função das dificuldades encontradas pelos pesquisadores, o Estado patenteou a descoberta colocando-a em domínio público. Segundo se tem notícia, Niépce já havia conseguido o feito desde 1826, ou seja, treze anos antes, porém não teve condições de registrar todas as etapas da descoberta e tampouco repetir a experiência. Quando, finalmente, Daguerre conseguiu registrar todos os passos e repetir inúmeras vezes a experiência, Niépce já havia morrido.

Portanto, muitos estudiosos creditam a Daguerre o reconhecimento da técnica fotográfica. Cabe lembrar, no entanto, que se o Estado patenteou a invenção e deu condições para o seu desenvolvimento, no entanto, não colaborou para que qualquer investigação retrospectiva fosse realizada.

Os equipamentos utilizados por Daguerre – os daguerreótipos – continham placas de prata que precisavam ser manipuladas no iodo para que pudessem projetar as imagens. As peças eram únicas na maioria das vezes, guardadas em estojos semelhantes aos utilizados para acondicionar jóias. Num primeiro momento, a fotografia obteve uma aura de arte, posteriormente vários pintores a utilizaram como recurso técnico. A adoção dos daguerreótipos foi rápida e em menos de um ano já estavam em terras brasileiras.

No Brasil do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro, sede do Império, recebeu inúmeros estrangeiros que instalaram negócios no ramo fotográfico, contribuindo diretamente na disseminação da fotografia. Os estrangeiros tornaram-se fotógrafos caixeiros-viajantes, levando consigo o equipamento para os lugares mais distantes, como as fazendas da população mais abastada.

Aos poucos, transformaram a vida dos cidadãos. Criando outros hábitos, como o de manter expostas nas salas de estar, as fotografias tiradas de membros de suas famílias. Naquela época, expor as fotografias era mais uma forma de demonstrar o status social. O registro fotográfico era ansiosamente aguardado. Usavam as melhores roupas. Por causa da limitação técnica só se fotografava ao ar livre ou em ambientes com muita luz. Há uma evidente preocupação com o resultado. Por isso, as poses eram sempre aristocráticas e na maioria das vezes, estavam sentados ou apoiados em colunas. Depois, passaram a registrar eventos familiares – piqueniques, casamentos, reuniões, passeios de barco - mas isso só acontece no final do século XIX, quando há uma notável evolução técnica, que garante mais rapidez no ato de fazer e reproduzir a fotografia. O álbum de família surge nesse cenário. Mesmo com a existência dos conhecidos porta-retratos e cartões de visita, era preciso guardar e organizar as fotografias em um espaço feito de papel espesso e capa de couro, tendo como referência as páginas de um livro em branco, onde seria escrito por meio das imagens em preto e branco, a história da família. E, história é a narrativa que montamos a partir da memória.

As fotografias ou retratos de família aparecem, então, como referência da memória. Montar álbuns fotográficos tornou-se um hábito universal, consolidado ao longo de décadas e repetido nas mais diversas culturas. Os relatos orais contados por quem viveu uma experiência não são mais suficientes para garantir que o acontecimento não seja esquecido, é necessário guardá-lo na forma material, antes possível somente com as cartas, diários e livros.

Os álbuns contam em suas páginas, histórias privadas. São fotografias de viagens, casamentos, batizados, festas, passeios, sempre apresentando momentos felizes. É comum

ainda, encontrar fotografias espalhadas em caixas de sapatos, fixadas em murais, dentro de carteiras, pregadas em portas de guarda-roupas. Só se guarda o que é selecionado pela lente da câmera e definido como importante pela a família. Há uma verdadeira intenção de preservar o que foi fotografado.

Nos últimos 10 anos, no período de 1998- 2008, os registros de eventos familiares também passaram por mudanças significativas com o advento das novas tecnologias. Em função da redução de custos e simplificação das câmeras, há um aumento considerável na autonomia no ato de fotografar. Depende-se menos dos fotógrafos profissionais, que nesse caso passam a ter a função de registrar os eventos mais importantes como os casamentos e formaturas. O cuidado com a qualidade das fotografias está relacionado à singularidade do evento, que não se repete, portanto não poderá haver erros ou fotos danificadas.

Outro fator relevante a ser considerado é a rápida adoção da tecnologia digital pelos usuários de equipamentos fotográficos e pelas empresas fabricantes. O volume de fotografias feitas cresceu à medida que as inovações foram intensificadas. Da folha de prata, ao vidro, do filme fotográfico – o utilizado por mais tempo - aos “pixels”, toda essa tecnologia, caminhou ao encontro das necessidades da aceleração do tempo, em seu respectivo período histórico. O ritmo frenético dos avanços tecnológicos fez da câmera mecânica analógica objeto do passado, embora tenha reinado absoluta por cerca de 160 anos.

As principais características da câmera fotográfica foram mantidas, criadas a partir dos princípios que regem a física e a química. A câmera escura com uma lente já percorreu quase dois séculos e foi incorporada ao processo de produção do cinema, depois ao vídeo e, hoje, está nos telefones celulares, em modelos pequenos, ainda mais rápidas e eficientes nos resultados. Fotografar e apagar as imagens digitais facilitou a vida dos usuários, que preferem manter as suas memórias preservadas e selecionadas. Os álbuns ganharam modernidade, não são mais privados, reservados somente para os encontros familiares e com os amigos, já estão espalhados no universo virtual da internet, nos “fotologs”, nos computadores, gravados em unidades de armazenamento digital, os “cd’s” e “pen-drives”. As memórias foram expandidas para outros campos. Serviços gratuitos como o Picasa, Flickr são os novos atores em cena , popularizando ainda mais os recursos oferecidos aos internautas, criando um modelo de armazenamento, distribuição e compartilhamento de fotografias.

A transição da tecnologia analógica para a digital e as vantagens trazidas pelas câmeras fotográficas mais modernas são irreversíveis, juntamente com o ato fotográfico. O imediatismo pelo resultado do registro e a quantidade multiplicada infinitamente permitem ao usuário, apagar as fotografias mal feitas ou borradas, quantas vezes quiser, pois não está mais

limitado ao espaço máximo de 36 poses de um filme analógico, nem depende de um laboratório para visualizá-las. A tela em LCD traz em tempo real o que se deseja ver.

1.1.2 A fotografia na vida da família brasileira

O Brasil tem uma importante participação na história. Foi em terras brasileiras que um francês Hercules Forence (1804-1879) – residente na cidade de Campinas, inventou uma técnica para fixar imagens que recebeu o nome de fotografia. Ao lado de Hércules Forence vemos Louis - Jacques Mandé Daguerre (1787-1851), reconhecido internacionalmente como inventor da fotografia, por utilizar um equipamento chamado daguerreótipo - uma câmara escura que fixava imagens por meio de chapas de cobre cobertas em emulsão de sais de prata.

Após a exibição pública do daguerreótipo na França, o destino trouxe a invenção ao Rio de Janeiro, pelas mãos do abade Louis Compte² que em janeiro de 1840 fez uma apresentação pública e fotografou o Paço Imperial. Nesta apresentação pública, entre os espectadores estava o jovem Imperador D. Pedro II, considerado pelos historiadores, o primeiro fotógrafo brasileiro e principal incentivador da fotografia no país.



Fotografia 1 - Fotografia do Paço Imperial no Rio de Janeiro, atribuída a Louis Compte
Daguerreótipo /1840³

Dom Pedro II foi um reconhecido investidor da ciência, admirador e colecionador das artes. Com a fotografia não foi diferente e logo a cidade do Rio de Janeiro passou a receber

² Conta a história que o abade Louis Compte aprendeu a manusear daguerreótipo com seu amigo Daguerre e o trouxe em sua viagem, que fez pelo novo mundo como capelão de um navio-escola francês, com jovens abastados. A corveta naufragou, sem vítimas, ao largo do porto de Valparaíso no Chile, acelerando o retorno aos seus lares.

³ Reprodução retirada do livro O Brasil na fotografia oitocentista, de Pedro Karp Vasques, 2003

fotógrafos estrangeiros que dominavam os equipamentos fotográficos. Criou-se um mercado emergente, cujos clientes, eram os nobres e fazendeiros do império, sedentos em adotar rapidamente a nova tecnologia aprovada pela família real. Segundo Mauad:

As fotografias pertencentes à família imperial incluem uma gama variada de temas: desde os retratos posados mais formais, passando pelas imagens do cotidiano, até os panoramas e os registros das solenidades do Império em diferentes províncias. Em algumas imagens, como aquelas em que o imperador ou a imperatriz permitem que suas figuras sejam duplicadas e postas frente a frente numa mesma fotografia, fica patente o bom humor e a aceitação em desmascarar mesmo que de brincadeira, a encenação fotográfica. (MAUAD, 1997, p.197)



Fotografia 2 - D. Pedro II e Imperatriz Tereza Cristina em retratos de dupla exposição, por Carneiro & Gaspar 1867. Coleção Dom Pedro de Orleans e Bragança ⁴

É inegável a contribuição da família real na disseminação na fotografia em nosso país. Como modelo de constituição familiar, o fato de exporem o seu interesse, intensificou a adesão e desenvolvimento de novas técnicas. As fotografias se juntaram ao acervo existente de ilustrações, desenhos, telas e outras obras, doadas pela família real à Biblioteca Nacional quando partiram para o exílio em Portugal em 1889. Este acervo revela o valor histórico das representações registradas em cada obra à nação brasileira, menciona ainda Mauad, que:

Marc Ferrez é responsável por belas fotos da família imperial, as quais, mesmo posadas, denotam descontração e o hábito de fazer fotografar. Em imagens nítidas, com sombras e

⁴ Reprodução retirada do livro O Brasil na fotografia oitocentista, de Pedro Karp Vasques, 2003, pg. 31

boa definição, emerge do passado o gabinete particular de D. Pedro II, com seus livros, armários e acessórios diversos; a cena serena da princesa Isabel tocando piano em companhia da baronesa de Muritiba, no Palácio de Laranjeiras; o passeio de charrete, puxado por um carneiro, dos filhos da princesa Isabel e do conde d'Eu; e a intimidade da condessa de Barral abraçando os filhos da princesa Isabel. (MAUAD, 1997, p.199)



Fotografia 3 - Última fotografia da família imperial feita no Brasil, por Otto Hees antes da Proclamação da República e de partirem para o exílio em Portugal.⁵

É interessante ressaltar que no seu início, os registros fotográficos, estiveram restritos às famílias mais abastadas devido o elevado valor de custo que não eram nada populares e os cidadãos chegavam a pagar os trabalhos até mesmo com cavalos.

Não existiam lojas de produtos fotográficos e os próprios fotógrafos manipulavam as químicas utilizadas, muitas vezes em laboratórios móveis. Mais tarde, novos processos foram criados como a ambrotipia (1851) e a ferrotipia (1853) e em seguida vieram os negativos de vidros e o papel fotográfico.

⁵ Reprodução retirada do capítulo 4, Imagem e auto-imagem no Segundo Reinado, escrito por Ana Maria Mauad. In História da vida privada no Brasil. Coleção dirigida por Fernando A. Moraes; Organizado por Luiz Felipe de Alencastro. Companhia das Letras: 1997 pg. 230

A fotografia popularizou-se e o retrato passou a atrair um novo e crescente público; já que as inovações técnicas trataram de reduzir o tempo de exposição com mais qualidade da imagem. Entre 1840 e 1900, cerca de 120 fotógrafos profissionais trabalhavam na cidade do Rio de Janeiro. Assim, na virada do século, formou-se uma vasta camada de aficionados, socialmente definida, que se constituiu em um novo e promissor mercado (COSTA; SILVA, 2004, p, 22). Os estúdios foram montados para oferecer mais conforto tanto para os clientes, quanto para os fotógrafos, assim podiam criar cenários no melhor estilo europeu, com o objetivo de identificar a classe social dos modelos. As poses eram aristocráticas e revelavam detalhes da vida burguesa antes retratada apenas nas telas dos pintores. As fotos de família passam a ser objetos de representação da hierarquia, do poder e respeito. Para a burguesia oitocentista, o papel significativo da vestimenta é mais importante que o papel funcional, pois confia a aparência a tarefa de afirmar a sua posição dominante. (FABRIS, 2004, p, 37). Elas mostram a sociedade como queria ser vista e frequentar o ateliê de um fotógrafo reconhecido fazia parte dos códigos comportamentais da época, costume que pretendia valorizar as pessoas de posses do país aos moradores parisienses.

E, novamente da França, vem à novidade que definitivamente populariza o retrato: o cartão de visita (6x9) criado em 1854, pelo fotógrafo André Disdéri. Essa fotografia em forma de um cartão podia ser distribuída ou enviada como lembrança.

O cartão de visita de Disdéri colocava ao alcance de outras camadas sociais o que até aquele momento era privilégio apenas das mais abastadas. Foi ele quem atribuiu à fotografia a estatura de produto industrial, seja pelo barateamento ou pela divulgação e banalização dos ícones fotográficos. (ZAMBON; LOPES: 2007 p. 32)

Kossoy também destaca em sua obra *Fotografia e História* a democratização da fotografia:

Como os novos recursos técnicos introduzidos pela indústria fotográfica europeia e norte-americana na década de 1850 e como o decorrente surgimento da *carte-de-visite*, os custos de produção para o fotógrafo baixaram e os preços para o cliente também se tornaram acessíveis. Concomitantemente, o modismo de se retratar e oferecer retratos se expandiu por todo o mundo. Democratizava-se o retrato do homem através da fotografia. (KOSSOY, 2001, p. 109)

No Brasil, além dos registros familiares, os fotógrafos expandiam os seus negócios em direção ao registro documental. Ganhavam espaços as fotografias de paisagens, das cidades e das construções de pontes, estradas de ferro e fotojornalismo pelas lentes de Militão, Carlos César, Juan Gutierrez, Flávio Barros.

1.2. Razão e sensibilidade: as fotografias das mãos

Em meio da efervescência cultural e científica européia, as terras do novo continente pareciam ainda mais distantes das acaloradas discussões filosóficas e estéticas envolvendo a fotografia. Esta, que de modo interdisciplinar, surge em meio às pesquisas realizadas entre a física e a química e é rapidamente absorvida por outras áreas do viver e do saber.

Na busca pela fixação da imagem real, a fotografia supera as habilidades motoras e a grande sensibilidade das mãos dos pintores; ela transforma o modo de vida dos cidadãos no século XIX dando origem a novas categorias profissionais: os pintores sem expressão no meio artístico tornam-se fotógrafos. Esta mudança na realidade profissional do artista com o advento da fotografia inaugura também um mercado promissor tanto para os fotógrafos quanto para indústria.

Ainda que a fotografia desperte inúmeras considerações diferentes, existe um consenso sobre a sua utilização: seu caráter inegável de perpetuar o efêmero por tempo indeterminado. Esta afirmativa, sem dúvida, lhe atribui um inigualável status e título de guardião da memória visual dos fatos históricos – a fotografia é uma prova concreta do fato que realmente existiu e que pode repetidas vezes, ser averiguado. Diversos autores discorrem sobre o assunto, Até mesmo Baudelaire, que é um reconhecido crítico da fotografia. Baudelaire, ainda que condene a fotografia, ele próprio tomado pela ambigüidade. Ao mesmo tempo, se deixa fotografar pelos amigos Nadar e Carjat, reafirmando a incrível revelação que ela promove de registro afetivo e histórico. Em um dos seus textos mais conhecidos, está uma carta enviada ao Diretor da Revue Française sobre o Salão de Belas Artes de 1859, no qual escreve:

O Público Moderno e a Fotografia (fragmento)

Quando se permite que a fotografia substitua algumas das funções da arte, corre-se o risco de que ela logo a supere ou corrompa por inteiro graças à aliança natural que encontrará na idiotice da multidão. É, portanto, necessário que ela volte a seu verdadeiro dever, que é o de servir ciências e artes, mas de maneira bem humilde [...]. Que ela enriqueça rapidamente o álbum do viajante e devolva a seus olhos a precisão que faltava a sua memória, que ela orne a biblioteca do naturalista, exagere os animais microscópicos, fortaleça até com algumas informações as hipóteses do astrônomo, que ela seja enfim a secretária e o caderno de notas de quem quer tenha necessidade em sua profissão de uma exatidão material absoluta, até aqui não existe nada melhor. Que salve

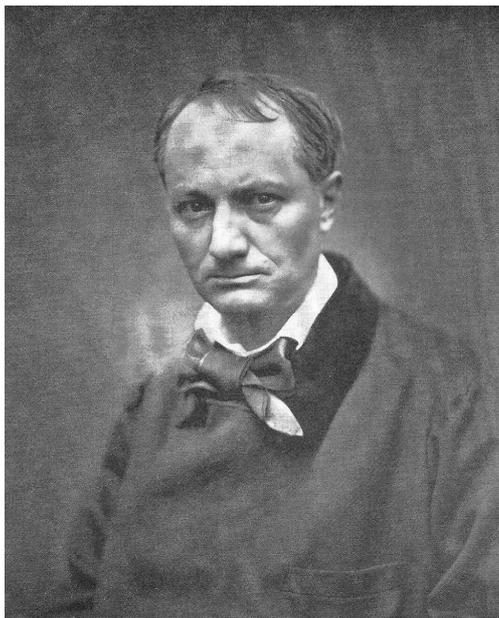
do esquecimento as ruínas oscilantes, os livros, as estampas e os manuscritos que o tempo devora, as coisas preciosas cuja forma desaparecerá e que necessitam de um lugar nos arquivos da nossa memória, seremos gratos a ela e iremos aplaudi-la. (DUBOIS, 1994, p. 29)

A série de cartas sobre o Salão das Belas Artes torna-se uma das principais referências da sua obra. Dubois comenta a carta de Baudelaire, referindo:

Esse trecho esclarece as circunstâncias de surgimento de uma técnica. O que é importante apontar aqui é a clivagem que Baudelaire estabelece com vigor entre a fotografia como simples instrumento de um a memória documental do real a arte como pura criação imaginária. O papel da fotografia é conservar o traço do passado ou a auxiliar as ciências em seu esforço para melhor apreensão da realidade do mundo. Em outras palavras, na ideologia estética de sua época Baudelaire recoloca com clareza a fotografia em seu lugar: ela é um auxiliar (um servidor) da memória, uma simples testemunha do que foi. (DUBOIS, 1993, p.29-30)

O que se pode observar nas citações é uma clara distinção entre condenar uma invenção de invadir um espaço considerado sagrado: o reservado as artes e sua função inicial que é o de capturar o vivido. Nem mesmo, o rancor de Baudelaire deixa de revelar sua aceitação pela técnica e chega a exaltar o seu significado valoroso para a memória, ao mencionar: *“Que ela enriqueça rapidamente o álbum do viajante e devolva a seus olhos a precisão que faltava a sua memória. Que ela salve do esquecimento as ruínas decadentes, os livros, as estampas e os manuscritos que o tempo devora as coisas preciosas cuja forma irá desaparecer”*.

A aceitação de Baudelaire é inegável, mesmo com todo rigor da crítica houve espaço para o comentário poético da real - de acordo com suas observações - função da fotografia esquecendo-se, inclusive, que a força de perpetuação da fotografia não a torna indestrutível. Não se questiona a própria durabilidade da sua estrutura química, feita de papel e sujeita como todos os outros elementos da natureza à corrosão temporal. Ela também é suscetível de destruição como os livros e manuscritos. Barthes (1984, p. 139) escreveu que a fotografia envelhece atacada pela luz, pela umidade, ela empalidece, extenua-se, desaparece. De certa forma concorda que a fotografia também sofre as ações do tempo, ao contrário do pensamento de Baudelaire. Entretanto, esses dois teóricos, críticos da fotografia mantêm certa compatibilidade quando o assunto são as fotografias de suas mães



Fotografia 4 - Charles Baudelaire, por Carjat , 1878⁶

Há de se considerar a forte ligação de Baudelaire com a figura materna. Em uma das cartas enviadas à mãe em 1865, demonstra o desejo de ter o seu retrato e declara a preocupação com o resultado. Afirma que é preciso estar presente no momento do registro, para garantir que até mesmo o melhor fotógrafo não cometa o erro de exagerar nos defeitos, nas rugas e todas as outras trivialidades do rosto. Ele escreve que somente em Paris é possível conseguir o que deseja: um retrato exato, mas com o flou de um desenho⁷. O cuidado dispensado para ter o retrato, revela o afeto e carinho da relação existente entre mãe e filho. Seria improvável imaginar Baudelaire manifestando esse desejo por outra pessoa ou objeto.

Já Barthes ao escrever a obra *A câmara clara*, publicada poucos dias antes da sua morte em 1984, deixou em suas páginas uma das mais importantes contribuições para o estudo da fotografia e em alguns trechos do livro fala sobre as fotografias da mãe. Segundo suas palavras, argumenta:

Nessas fotos da minha mãe, havia sempre um lugar reservado, preservado: a claridade de seus olhos. Não era, no momento, mais que uma luminosidade toda física, o traço fotográfico de uma cor, o azul esverdeado de suas pupilas. Mas a luz já era uma espécie de mediação que me conduzia para uma identidade essencial, o gênio da face amada (BARTHES, 1984, p.100)

⁶ Fotografia reproduzida do livro *Fotografia e antropologia – olhares fora-dentro*. São Paulo, EDUC, 2002. Pg39

⁷ Dubois, *O ato fotográfico*, 1994, nota 7, p. 54

Em outro trecho, escreve: "Sozinho no apartamento em que ela há pouco tinha morrido, eu ia assim olhando sob a lâmpada, uma a uma, essas fotos de minha mãe, pouco a pouco remontando com ela o tempo, procurando a verdade da face que eu tinha amado. E a descobri". (BARTHES, 1984, p. 101)

Barthes não mostra as fotografias, apenas faz algumas referências, como a do *Jardim de Inverno*, onde sua mãe aparece aos cinco anos ao lado do irmão, na extremidade de uma ponte de madeira em um Jardim de Inverno com teto de vidro. Dessa maneira, resguarda somente para si, a fisionomia da mãe, ainda criança. Diante desta constatação pessoal, afirma: "Não posso mostrar a foto do Jardim de Inverno. Ela só existe para mim." (BARTHES, 1984, p. 110).

SAMAIN (2005, p.120) ao estudar Barthes considera *A câmara clara*, um livro centrado nas fotografias de sua mãe. É interessante observar como descreve o reencontro com a face da pessoa amada, seu andar, sua saúde. Barthes também não nega o incômodo que sente às vezes ao observá-las. Um misto de devoção, admiração e incondicional amor.

O filósofo Barthes, nesta obra, se posiciona antes de tudo, como um filho. Ele escreve em primeira pessoa, aproxima e permite ao leitor compartilhar o sentimento revelado sem receios das críticas. Expõe de modo afetivo uma memória e com a lembrança, realiza uma confissão:

No fim de sua vida, pouco tempo antes do momento em que olhei suas fotografias e descobri a foto do Jardim de Inverno, minha mãe estava fraca, muito fraca. Eu vivia em sua fraqueza (era-me impossível participar de um mundo de força, sair à noite, toda mundanidade me causava horror). Durante sua doença, eu cuidava dela, estendia-lhe a tigela de chá de que gostava, porque nela podia beber de maneira mais cômoda [...] (BARTHES, 1984, p. 107).

Nos momentos finais da vida de sua mãe, Barthes cuidou de sua família. Foi o filho dedicado até depois da morte. *A câmara clara* é um livro para sua mãe, não seria incorreto dizer que foi feita uma homenagem póstuma. Em meio ao rigor científico da academia deixou-se revelar a intimidade do professor respeitado. Os pesquisadores não percebem que o *studium* e o *punctum* podem ser considerados meros coadjuvantes na obra. As fotografias de sua família são o reencontro com as lembranças, com a fisionomia do ente querido. Talvez por isso cite Proust várias vezes. O autor de *Em busca do tempo perdido*, também tinha uma forte relação com a mãe e era apaixonado por fotografias.

O livro *Proust e a fotografia*, escrito por Brassai, amigo pessoal de Proust e fotógrafo, revela por meio da leitura de cartas e releitura de sua obra, uma nova face de sua vida. Segundo o autor, Proust herdou a paixão pela fotografia de sua mãe. A ida ao fotógrafo era considerada um evento e havia um cuidado especial com trajes, penteados e com tudo que fosse entrar no cenário. A sr^a. Proust costumava levar os filhos e fotografá-los a cada época de suas vidas. O ritual repetido várias vezes durante anos, fez de Proust um apreciador dos álbuns de fotografias, como descreve Brassai. Segundo o autor, ao referir Proust, afirma:

Comprova também a paixão de Proust pelos álbuns de fotografias uma carta dirigida a seu amigo duque de Albufera, um dos modelos de Saint-Loup: “Será que por acaso você possui, coisa sempre muito interessante, álbuns de retratos de família? Se pudesse me emprestar um por algumas horas, isso me divertiria muito.” (BRASSAI, 2005, p. 30)

Proust tinha o seu próprio acervo de álbuns e, muitas vezes, pediu fotografias de presentes ou emprestadas para compor personagens. Foi durante toda sua vida um apaixonado pela exploração do rosto humano, cujas expressões rastreiam nas inumeráveis fotografias colecionadas desde sua juventude (BRASSAI, 2005, p. 109). As metáforas sobre fotografia estão espalhadas em sua obra. Fez também reflexão sobre a sua condição e interferência no campo das artes, absorveu com intensidade tudo que a fotografia pôde oferecer a percepção do olhar. Proust dizia que a fotografia era como novos olhos que se abrem para o mundo, permitindo ver além do que o cérebro permitia.

Quando a mãe de Proust estava no leito de morte, pediu para ser fotografada, demonstrando ao mesmo tempo seu desejo e temor, pois ela não pretendia deixar para o filho uma última imagem que corria o risco de ser triste.

Em geral não se tem interesse em guardar imagens que são a expressão da tristeza e do sofrimento e as fotografias de famílias são uma forte certificação desta realidade, pois elas estão reservadas aos momentos felizes.

Ainda que citados de modo breve, os pensadores Baudelaire, Barthes e Proust, apresentam concordância em relação à fotografia de família de como ela ocupou um espaço de honra em suas vidas, como se estivessem imunes às análises críticas dos estudos sobre a imagem. É possível considerar que as fotografias de famílias estariam em outra dimensão, distantes e protegidas por uma aura cultuada da figura materna. Neste sentido, vale lembrar uma citação de Walter Benjamim (1994, p. 174): O refúgio derradeiro do valor de culto foi o

culto da saudade, consagrada aos amores ausentes ou defuntos. A aura acena pela última vez na expressão fugaz de um rosto, nas antigas fotos. É o que lhes dá sua beleza melancólica e incomparável.

1.3 O conceito de família

Neste trecho do trabalho será mostrado como a fotografia transforma a memória da família; como chega e permanece no seio familiar como um recurso que preserva as informações pertencentes a sua história.

Soma-se a isso, o interesse ininterrupto de registrar ao longo da vida, o cotidiano das pessoas que compõem esse grupo social. De acordo com Romanelli (1986, p. 16), o núcleo doméstico assume importância como espaço onde se constroem as identidades sociais, a sociabilidade e as visões de mundo de seus integrantes. Reis (2007, p. 99) tem uma opinião similar e diz que é na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. Segundo a autora, família é a formadora da nossa primeira identidade social.

Para introduzir o tema é necessário ir à busca da origem da família que remota ao período pré-histórico da evolução humana. O homem primitivo levou milênios para se organizar em agrupamentos e desenvolver habilidades que lhe garantissem a sobrevivência, aprimorou os seus sentidos, conseguindo identificar sons, cheiros, gostos, temperaturas e texturas diferentes em sua própria defesa.

Segundo Engels (1984, p. 35), o homem é de todos os seres, o único que logrou um domínio quase absoluto da produção de alimentos. A habilidade nessa produção desempenha papel decisivo no grau de superioridade e domínio do homem sobre a natureza. O desenvolvimento da família realiza-se paralelamente junto a esse domínio.

Para Gough, apesar das importantes contribuições de Engels sobre a formação da família, ainda existem lacunas:

Por exemplo, desconhecemos a altura exata do aparecimento da família, se bem que supomos que tal possa ter acontecido, provavelmente, entre 2 milhões e 100.000 anos atrás. Tampouco sabemos se o seu aparecimento foi simultâneo ou se surgiu em diversos lugares e em diversas ocasiões. Outro problema é averiguar se algum tipo de família embrionária apareceu antes ou após terem alcançado a condição humana. É muito possível que a linguagem e a família se tenham desenvolvido conjuntamente durante um longo período de tempo, mas é difícil prová-lo. (GOUGH, 1980, p. 47)

As incertezas quanto ao período da formação familiar traz consigo dúvidas referentes às fases mais primitivas, mas no trabalho desenvolvido por Engels no século XIX, são apresentadas teorias que reforçam a importância da família na formação da sociedade e do Estado. Para Levis-Strauss (1980, p. 44) a sociedade pertence ao reino da cultura, enquanto que a família é a emanção, ao nível social, daqueles requisitos naturais sem os quais não poderia existir a sociedade e, conseqüentemente, tampouco a humanidade.

Gough (1980, p. 84) refere que a família foi essencial para o aparecimento da civilização, permitindo um grande salto qualitativo à frente no que respeita à cooperação, ao conhecimento voluntário, ao amor e à criatividade.

A palavra família é de uso comum em nossa realidade, mas é preciso apresentar algumas definições da antropologia. Segundo Prado:

O termo família origina-se do latim *Famulus* que significa: conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor. Entre os chamados dependentes inclui-se a esposa e os filhos. Assim, a família greco-romana compunha-se de um patriarca e seus fâmulos: esposa, filhos, servos livres e escravos (PRADO, 1981, p. 51)

O conceito de família está associado à figura de um senhor detentor da autoridade sobre os seus dependentes. Observa-se que são incluídos os serviçais, a esposa, todavia não é possível definir se os filhos são consangüíneos ou adotados. A relação de cooperação e dependência entre os membros prevalecem em outras definições.

Gough, discípula de Levis-Strauss, inclui na discussão acerca da família, o casamento:

Para discutir a origem de algo, impõe-se primeiro definir o que é esse algo. A família pode definir-se como um par casado ou outro grupo de parentes adultos que cooperam na vida econômica e na criação dos filhos, a maior parte dos quais, ou todos, residem em comum. (GOUGH, 1980, p. 48)

Para a autora, o casamento surge como um ato imprescindível para a formação do grupo familiar, juntamente com a responsabilidade de criação dos filhos e a convivência em um mesmo ambiente. À medida que a sociedade se organiza cria regras que regulamentam a união entre homens e mulheres, adotam princípios religiosos e éticos na constituição familiar.

Sobre a família, Levis-Strauss apresenta uma definição mais completa:

Pertinente é construir um modelo ideal daquilo que pensamos quando utilizamos a palavra família. Ver-se-ia, então que tal palavra serve para designar um grupo social que possui pelo menos, as três características seguintes: 1) tem a sua origem no casamento
2) é formado pelo marido, pela esposa e pelos filhos nascidos do casamento, ainda que seja concebível que outros parentes encontrem lugar junto do grupo nuclear.
3) Os membros da família estão unidos por a) laços legais, b) direitos e obrigações econômicas, religiosas e de outro tipo, c) uma rede precisa de direitos e proibições

sexuais, além duma quantidade variável e diversificada de sentimentos psicológicos tais como amor, afeto, respeito, temor, etc. (LEVIS-STRAUSS, 1980, p. 16)

A formalização do casamento por meio legais passa a determinar os direitos e deveres do casal. É importante ressaltar, porém, as questões sexuais ligadas à união. Algumas proibições são necessárias para evitar o incesto, proteger os filhos de agressões e reprimir a infidelidade conjugal. Os sentimentos de amor e carinho dão sustentabilidade à relação interpessoal de seus membros.

Na sociedade contemporânea com as intensas transformações econômicas e culturais sofridas em uma velocidade jamais vista, estruturas familiares ganham novos contornos. O modelo de família monogâmica formada a partir do casamento legalizado composto por um homem, uma mulher, filhos e outros parentes agregados, característica da sociedade ocidental, deixa de ser o modelo considerado dominante. Os fatores econômico-sociais, ascensão feminina no mercado de trabalho, o aumento no número de divórcios, entre outros, impulsionaram a transformação da principal célula da sociedade.

A grande diversidade de famílias e formas de agregados familiares tornou-se um traço distintivo da época atual. Giddens faz a seguinte observação:

As pessoas optam cada vez mais por viverem juntas em coabitação antes do casamento, ou em alternativa ao casamento. Em resumo, o mundo familiar é hoje muito diferente do que era há cinquenta anos atrás. Apesar das instituições do casamento e da família ainda existirem e serem importantes nas nossas vidas, o seu caráter mudou radicalmente (GIDDENS, 2004, p. 74)

A julgar pela observação de Giddens, a importância da constituição de uma família, não se perde em meio às turbulências do mundo moderno. Se a sociedade de um modo geral se reorganiza constantemente em seus diversos setores, não poderia ser diferente com a família. Pode-se levar em consideração, também, apesar de não ser citado diretamente, o declínio do poder exercido pelas religiões em formalizar as uniões. A igreja se manteve durante décadas como o cenário ideal para celebrações do casamento, considerado evento cultural, uma formalização social, política e jurídica, que por sua vez, está atrás da idéia da família. Porém, as uniões informais ganham um considerável número de adeptos. Romanelli (1986, p. 224) destaca que contra o casamento tradicional e sua formalidade universalizante, (...) a união consensual assegura aos sujeitos a liberdade de iniciá-la ou dissolvê-la sem se submeterem à aprovação legal ou religiosa, vale dizer, pública.

No contexto brasileiro, o conceito da família mostrava-se vinculado ao casamento legalizado. Na Constituição Brasileira aprovada em 5 de outubro de 1988, há uma ampliação

que passa a abranger a família fora do casamento, bem como aquela composta por um de seus progenitores (pai ou mãe) e sua descendência, também conhecida de “família monoparental”. A seguir, o trecho retirado da mencionada Constituição:

Título VIII ⁸

Da Ordem Social

Capítulo VII

Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 1º O casamento é civil e gratuita a celebração

§ 2º O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.

§ 3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento

§ 4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

§ 5º Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

§ 6º O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio, após prévia separação judicial por mais de um ano nos casos expressos em lei, ou comprovada separação de fato por mais de dois anos.

§ 7º Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas

§ 8º O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.

Para os juristas e sociólogos brasileiros estas disposições legais foram consideradas um avanço significativo. Embora bastante relevante estas regras excluem ainda, outras situações como, por exemplo, o que é considerado tabu e condenado pela igreja: a união estável entre homossexuais. Em oposição às convenções sociais, novas famílias adquirem características próprias e são mantidas principalmente por laços de afeto.

A família como centro das relações sociais é a principal responsável pela transmissão das tradições, valores, hábitos e costumes, traduzidos em festas, educação, conversas, passeios e outras orientações. Metaforicamente, pode-se mencionar que dentro da família são escritas as primeiras linhas da história pessoal de cada um de seus membros, antes mesmo do seu nascimento. Essa história, que é a memória pessoal torna-se coletiva porque é vivida em um grupo e esse grupo é a referência para a formação da identidade dos indivíduos, é o que permite o pertencimento. Freitas (2006, p. 58) afirma que história é sinônimo de memória, havendo uma relação de fusão na qual elas não se distinguem. A história se apodera da

⁸ http://legis.senado.gov.br/con1988/CON1988_05.10.1988/art_226_.htm - data de acesso 19/05/2008

memória coletiva e através da memória se reconstrói o passado. Nesse sentido, a família é uma das gêneses da memória coletiva.

Em uma casa são mantidos objetos, fotografias, roupas, móveis que mesmo sem palavras contam os fatos e acontecimentos do passado. Para Bosi, os objetos são biográficos.

Afirma a autora:

Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiverem sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal. [...] A ordem desse espaço nos une e nos separa da sociedade e é um elo familiar como o passado. [...] Só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a sensação de continuidade. (BOSI, 2003, p. 7)

Entre os objetos biográficos citados, será feito um recorte nos objetos fotográficos. Neste sentido, no decorrer desse trabalho, o foco estará na importância das imagens do arquivo mnemônico das famílias como fonte de informações biográficas, registros afetivos e referências subjetivas. Nas palavras de Kossoy:

Fotografia é memória e com ela se confunde. O estatuto de recorte espacial/interrupção temporal da fotografia se vê rompido na mente do receptor em função da visibilidade e “verismo” dos conteúdos fotográficos. A reconstrução histórica de um tema dado, assim como a observação do indivíduo rememorando, através dos álbuns, suas próprias histórias de vida, constitui-se num fascinante exercício intelectual onde podemos detectar em que medida a realidade anda próxima da ficção. (KOSSOY, 1999, p. 132.)

Para o autor, as fotografias são memórias contidas nos álbuns que permitem rememorar histórias da vida.

1.4 A formação da memória familiar por meio das fotografias

Há um distanciamento significativo entre as discussões teóricas sobre a estética e valor social da fotografia e sua utilização cotidiana por milhões de usuários em todo o mundo. Em seu início no século XIX, apesar das limitações técnicas, econômicas e territoriais foi facilmente absorvida pela população brasileira. No sofisticado ambiente europeu e da evolução técnica-científica disseminada pelas outras invenções relacionadas à comunicação humana como o telégrafo, o telefone, o cinema e a popularização do jornal, é natural que o foco da literatura sobre fotografia tenha sido direcionado primeiramente às questões artísticas, depois jornalísticas e as reflexões sobre fotografias que se multiplicavam nas fazendas, casarões e casebres por todo o mundo, fossem pulverizadas

Desde os primeiros daguerrotipos ricos e ornamentados como jóias, o homem estava refletido nas folhas de cobre, como em um espelho. Aos poucos foi dominando o ambiente, ocupando móveis na sala de estar e nos quartos. Há um interesse crescente em manter visível e substituir as telas dos artistas pelas fotografias. As imagens das famílias revelam-se diante dos olhos dos visitantes. Esse hábito foi observado por Bourdieu no início da década de 1960, quando menciona no texto *O camponês e a fotografia* que:

As fotos das cerimônias são demasiado solenes ou íntimas para serem exibidas no espaço da vida cotidiana, o local próprio para elas é ou o compartimento nobre, a sala de estar, ou, para as íntimas, como as fotografias de parentes falecidos, o quarto, junto às imagens religiosas, como o crucifixo e o ramo benzido (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006, p. 06)

Objeto de desejo para poucos, se expande. Adquire valor de documento traduzido em memória. Falar de memória familiar por meio da utilização das fotografias impõe a presença do tema lembrança.

Retomar uma realidade mediante a ativação da lembrança é um processo de reconstrução que também se mediatiza com a presença da imagem, no caso, da fotografia. Trata-se de um caminho mais curto para que seja feita a presentificação do passado e, ainda, um ponto de origem para a construção e reconhecimento de si, da própria história dos indivíduos, da família. Segundo Halbwachs, a lembrança é:

...a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de **dados** (grifo nosso) apresentados no presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde

a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. Certamente, que se através da memória éramos colocados em contato diretamente com algumas de nossas antigas impressões a lembrança se distinguiria, por definição, dessas idéias mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudada pelos relatos, os depoimentos e as confidências. Mas, mesmo se possível evocar de modo tão direto algumas lembranças, não o é em distinguir os casos em que procedemos assim, e, aqueles onde imaginamos o que tenha acontecido. Podemos então chamar de lembranças muitas representações que repousam, pelo menos, em parte, em depoimentos e racionalização. (HALBWACHS, 2004, p. 75-76)

O material presente na qualidade de dados encontra na fotografia a materialização da existência de uma verdade, mesmo que a verdade seja a de um instante, a do ato de fotografar e de ser fotografado. Os relatos de que fala o autor, depoimentos e confidências se aglutinam na presentificação das imagens de uma família, de maneira que elas, as imagens, adquirem o poder de revelação das verdades de um relato, seriam elas, portanto, as provas cabais de uma argumentação calcadas em fatos reais, daí a racionalização das lembranças por meio das imagens fotográficas.

Re-encontrar-se ou encontrar-se comunica a natureza dos membros da família, suas práticas, preferências, personalidades. Do que se pode supor não só um resultado que apontaria para união das idéias e da comunhão dos propósitos como também o afastamento das opiniões, e também para explicações que ficaram pendentes no cotidiano de uma realidade em que se vive, segundo o estágio do ponto de vista em que o sujeito leitor se encontra, no sentido do que é possível ser lido naquele momento da vida e de todas as suas experiências com o mundo, considerando-se, assim, que as opiniões são mutantes e o olhar, portanto, o é igualmente, o que torna a imagem real por ela mesma e versátil à medida que se avança ou se modifica o pensamento dominante da ocasião do olhar.

As reflexões, nascidas deste movimento do olhar e ser olhado estagiam na metamorfose através de um tempo além do material imagético por que são recobertas em função dos tempos das subjetividades. As figuras capturadas nos instantes do contexto real não se configuram, muitas vezes, na posteridade, no valor percebido no instante exato, mas sim valor da ocasião, do evento, da época e não mais o tempo marcado pelos horários e minutos daquele instante. Este apagamento matemático, numérico, detalhado, das fotografias de família traduz, por um lado, a emoção como balizadora do olhar e, por outro lado, a racionalização da verdade de determinada ocasião.

A importância da formação da memória familiar e seu estreito elo com os instrumentos de mediação de mundos são mais perceptíveis na sua ausência do que na sua presença. Na sua presentificação, as imagens refletem uma situação de origem e os receptores

das mensagens podem conectá-las às suas potencialidades de percepção, na ausência do retrato do momento passado, a lacuna se levanta e preenche os indivíduos de vazio sobre aquele acontecimento, cedendo espaços, cada vez maiores, para as dúvidas.

Em seu tratamento dado à questão da memória coletiva, Halbwachs deixa pistas quanto a este esvaziamento:

Costuma-se dizer às vezes que a história se interessa pelo passado e não pelo presente. Mas o que é verdadeiramente o passado para ela, é aquilo que não está mais **compreendido** (grifo nosso) no domínio onde se estende ainda o pensamento dos grupos atuais. (HALBAWACHS, 2004, p. 1)

Portanto, se no momento da percepção de si houver uma fase de incompreensão, a busca histórica será legitimada e a busca e a necessidade de um mediador podem se intensificar. A essência da procura de si na família pelo mediador em estudo, a fotografia, acaba por diferenciar os tipos de relações sociais, de forma que se compreende haver um sujeito social privado e um outro, nele mesmo, público.

Coloquemo-nos agora do ponto de vista dos indivíduos. Cada um é membro de vários grupos, participa de vários pensamentos sociais, seu olhar mergulha sucessivamente em vários tempos coletivos. É desde já um elemento de diferenciação individual de modo que num mesmo período, numa região do espaço, não é entre as mesmas correntes coletivas que se dividem as consciências dos vários homens. (HALBAWACHS, 2004. p. 133.)

Assim, não é difícil notar o certo repúdio que comunicam as personalidades midiáticas ao perceberem a sua intimidade familiar estampadas em revistas, jornais ou em outros veículos, pois o momento privado, naquele, momento, tornou-se público, o que acaba por legitimar o fazer público da comunicação e, ao mesmo tempo, banalizar as intimidades de si e da família exposta nas mídias.

A estabilidade e o conforto da privacidade são fatores que determinam o espaço social familiar imagético. Suas manifestações em papel fotográfico ou nas telas da WEB em “sites” de amigos e seus afins, como no caso do “ORKUT⁹” são norteadas por escolhas, as fotografias de família expostas são, previamente, selecionadas para que sejam compartilhadas pelos grupos, logo, há uma autorização implícita para a sua exposição.

⁹ www.orkut.com

Um outro posicionamento advém deste processo, o de tornar público os seus bens privados no intuito de formalizar um estatuto de adequação cultural que prima pela presença social da família, trata-se, portanto, de uma propagação autorizada e que recebe o aceite do grupo social, pois, neste caso, além da adequação social há a exposição também da qualidade de inserção em que se vive naquele grupo, a inserção mediada pelas linguagens da “internet”

Halbwachs cita o fato de não podermos dizer que as coisas façam parte da sociedade, no entanto, os objetos em movimento no interior dos grupos despertam olhares e sensações.

Entretanto, móveis, ornamentos, quadros, utensílios e *bibelots* circulam no interior do grupo, nele são objetos de apreciações, de comparações, sobre as novas direções de moda e do gosto, nos lembram também os costumes e distinções sociais antigas. Em uma loja de antiguidades, todas as épocas e todas as classes se defrontam assim, nas peças espalhadas e fora de uso das mobílias dispersas: e certamente perguntamo-nos: a quem pode ter pertencido essa poltrona, essas tapeçarias, este conjunto, aquela taça? (HALBWACHS. 2004. p.138.)

Nota-se com o discurso do autor que as mobílias podem ser movimentadas e gerar questionamentos, há, assim, a descrição de alguns objetos explicitados e até poder-se-ia dizer ser possível complementar esta listagem de objetos, porém, a fotografia da família conserva a aura sagrada do pertencimento eterno e se circula, se há a movimentação dela, seu caminho se faz no interior da família e basta um escape para que forme a lembrança do desvio daquilo que pertencia à família, sente-se a falta. Não há fotografias de família em lojas de antiguidade ou brechós que tenham a venda como destino.

A sacralização e a vida dos parentes são perpetuadas, reúnem-se na imagem a história e as intimidades de parentes desde o seu nascimento, e até antes, até a sua morte. Torna-se importante destacar que hoje os exames laboratoriais, como o ultra-som das gestantes, são guardados como fotografia primeira da vida que irá fazer parte daquele grupo e, muitas vezes, como já se vê compartilhados nos “sites” de amigos. Todo este panorama dependerá para se efetivar, entretanto, em primeira ordem, do poder econômico da família.



Fotografia 5 - Ultra-som /2007¹⁰

Com toda esta empatia pelas fotografias, percebe-se que é muito mais fácil encontrar tamanha exaltação até em cemitérios, nos jazigos, do que em uma loja de antiguidades; mesmo não sendo a família mais a mesma com determinada perda há um quê de se guardar os laços amorosos e sociais nas retratações tão presentes nos túmulos. Um espaço social legalizado, o cemitério revela, novamente, a autorização prévia da família e uma seleção anterior das imagens para a consagração do caminho privado-público das fotografias.

Geralmente, as fotos dos falecidos são ausentes de ação, pois não há mais o estar agindo em calor e vida, há sim a neutralização dos fazeres - o estar divino-celestial; as fotos, ao mesmo tempo, que jazem, fazem parte do cotidiano social, por contato físico, são protegidas de vandalismos por lei, o que se nota já pela proteção dos muros que as rodeiam, os muros protegidos da demolição mesmo em uma capital como São Paulo. Este contexto é apenas um dos rituais de morte percebidos pela presença das fotografias, sem contar as práticas mais antigas: imagens capturadas nas missas de “corpo presente” e em anúncios de missas de 7º dia e mês, uma tradição católica.

¹⁰ Fotografia reproduzida do site de relacionamento Orkut



Fotografia 6 - Cemitério da Consolação- São Paulo- Capital:
Túmulo da Marquesa de Santos¹¹

Diante da vida ou da morte, as fotografias impulsionam o diálogo e comunicação oral é potencializada, quando, então, o ato de “contar” a imagem não solicita a alfabetização ou qualquer destreza no desenvolvimento da língua escrita para se fazer compreender. O que há é uma verdade da foto e uma verdade do relato, que em adequação surtiriam o efeito de verdade no receptor.

No Brasil, a maioria dos cientistas sociais ainda vê a fotografia, a caricatura, a carta, o diário, assim como o depoimento oral, como fontes subsidiárias, possuidoras de baixo valor histórico, embora essas fontes sejam frequentemente utilizadas para ilustrar ou comprovar alguma idéia. Há aqueles que acreditam na História Oral, porém, assumindo uma postura de que o documento oral deve ser cruzado com outras fontes, de preferência escritas e oficiais. Nessa perspectiva, os documentos orais visam a complementaridade e veracidade das informações, portanto, o cotejo das fontes. (FREITAS, 2006, p. 43-44)

De fato, o relato ou a fotografia, como afirma a autora, seriam organismos rebaixados pelos cientistas sociais, pois a falta da elitização da escrita e do poder jurídico vigilante das autorias, o autor da narração não seria responsabilizado mais acentuadamente por suas incursões subjetivas, nota-se que mesmo em casos de valor crime, a oralidade é testada, confrontada, exigindo outros componentes argumentativos para uma comprovação, da mesma forma, ocorre com as fotografias, expostas a olhares múltiplos e em cada um de seus ângulos, além das possíveis alterações viabilizadas pela tecnologia.

¹¹ Fotografia registrada em 14 de junho de 2008

No entanto, os cientistas sociais apóiam-se nesses contares e olhares para tornar verídicas as suas idéias, suas escrituras, um caminho contrário autorizado e legitimado pelas ciências, fazendo valer até desenhos. Estes organismos seriam o ponto de verdade para as reflexões e abstrações dos pensadores sociais, uma questão a ser evidenciada como contribuição reflexiva desta pesquisa no campo das Ciências da Comunicação.

A disposição dos indivíduos nas fotografias de família denota o tempo cronológico de seus estágios, assim como mostra a moda de cada época, as características culturais de cada local, as condições financeiras e comportamentais das famílias.

Entre 1840 e 1900 é flagrante a aparição de trajes clássicos, elegantes à moda européia. Os homens, o pai, principalmente, colocavam-se ao lado ou em pé ao lado ou atrás da esposa, que sentava em uma cadeira, muitas vezes, com o caçula em seu colo, e recebia o toque da mão de seu protetor-marido em seu ombro. A prole ia se colocando ao lado da mãe, muitas vezes também, por ordem de tamanho e nascimento. Um rigor aplicado à apresentação oficial das famílias: o pai- o provedor; a mãe- a administradora das ordens dadas pelo pai e cumpridora da cópia do “modus vivendi” do local.

As diferenças entre as fotos do passado e as do presente mostram os tipos de relacionamentos familiares, segundo os costumes de cada época. Hoje não se sabe, exatamente, sem um relato, sem um diálogo, quem na fotografia é o pai ou patriarca, ele é confundido com o tio, o primo, um colega da família, um vizinho; assim, também é a mãe, que não é reconhecida de imediato e pode ser confundida com a amiga, com uma vizinha, com a prima e, ainda, do mesmo modo, os filhos são confundidos, pois eles se misturam entre os parentes.

Diante desta disposição formal que tem significações históricas, o texto verbal acompanhado da imagem ganha relevante importância para a identificação da família, isto é, já que não há um estar estereotipado dado à natureza complexa da constituição familiar nos dias atuais, verificamos uma situação altamente variável em relação ao papel exercido por cada membro do grupo familiar. Fala-se de mãe, pai e filhos provedores, em conjunto e, em classes de alto poder econômico, os filhos “dependentes” surgem na total informalidade e no isolamento em países distantes, a família continua, porém, bastante longe fisicamente. Este fato também ocorria no passado, a diferença é a idade dos filhos que cada vez partem com menos idade para outros contextos.

Este estado emocional de paridade tornou-se uma matriz mnemônica. Cada estado emocional vivido por um grupo social pode formar uma matriz referencial para efeito

posterior de lembrança e ficar registrado nos comportamentos observados nas fotografias das famílias.

Cada estado emocional se acompanha de uma constelação de fenômenos hormonais e neuro-hormonais diferentes (humores era como os antigos chamavam os fluidos corporais)... Gravamos melhor e, temos muito menos tendência a esquecer, as memórias de alto conteúdo emocional. Aquelas que Pavlov denominava “biologicamente significativas. (IZQUIERDO, 2005, p. 37)

O estímulo para a ativação da memória pode ter na fotografia um valioso instrumento de validação. Segundo Fentress e Wickham, a memória será transmitida se encontrar veículos para esse tipo de estímulo:

Uma memória só pode ser social se puder ser transmitida, tem que ser primeiro articulada. A memória social é, portanto memória. Articulação nem sempre implica articulação e discurso. Jan Vansina, entre outros, demonstrou a grande porção da memória social de África que é apresentada em rituais; aí, o significado não é posto em palavras, mas encenado (1955). Transmitimos melhor a habilidade manual mostrando do que explicando como se faz; a maior parte da nossa memória do movimento gestual e corporal é articulada do modo não verbal (Connerton, 1989). No entanto, a importância da articulação dá a primazia às palavras. (FENTRESS; WICKHAM, 1994, p. 65-66)

A articulação-imagética é, assim, um momento único para rever e aprender as operações de si nas fotografias, que explica, retoma e constroem os saberes das famílias.

Dois estudos importantes foram feitos sobre as fotografias de família. O primeiro foi desenvolvido na França, por Pierre Bourdieu, no início da década 1960 e o resultado publicado no livro *Um arte médio* e no artigo *O camponês e a fotografia*. Bourdieu ainda era um jovem pesquisador aficionado por fotografia ,quando recebeu a incumbência de substituir Raymond Aron - naquela época uma referência na sociologia francesa e um dos mais conhecidos comentaristas políticos - para desenvolver uma pesquisa sob encomenda da empresa Kodak , que precisava conhecer o impacto social da fotografia antes de lançar a sua câmera compacta Instamatic.

Bourdieu aceitou prontamente o desafio e montou uma equipe com outros estudantes. A pesquisa foi feita com camponeses e desvendou a forma como se relacionavam com a fotografia. Ele afirma (BOURDIEU, 2006, p. 4) que de fato a fotografia surge, desde o início, como o acompanhamento necessário das grandes cerimônias da vida familiar. O casamento, neste caso, simboliza a mais importante solenidade vivida em conjunto por reunir um grande

número de pessoas, parentes e amigos, mas outros eventos como as viagens também são registradas, os batizados e a primeira comunhão dos filhos estão incluídos. Em sua incursão pelos lares, pôde entender que a fotografia funcionava como um instrumento de integração de seus membros.

Vemos que a pratica fotográfica existe - subsiste - na maioria dos casos, por função familiar, o melhor dito, pela função que atribui ao grupo familiar, como poder solenizar e eternizar grandes momentos da vida familiar, e reforçar, em suma, a integração do grupo reafirmando o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. (*IDEM*, 2003, p. 57)

Segundo o autor essa intenção de eternizar os momentos se repete com mais frequência quando o grupo atravessa fases de maior integração. Isso torna a fotografia um substituto mágico do que o tempo corroe e supriria a falta da memória e um apoio na evocação da lembrança capaz de vencer o esquecimento. Nos hábitos investigados, foi observado o de enviar por cartas fotografias, principalmente das crianças a parentes distantes, como uma forma de intensificar os vínculos. A unidade familiar estaria protegida de longos períodos sem contato direto. Em outro momento, Bourdieu observa os álbuns fotográficos.

Fotografar as suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem do que foram [...] O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido que estas representações comentadas das fotografias da família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, “ordem das estações” da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê o fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais confiança e seja mais edificante que um álbum de família: todas as aventuras singulares que a recordação individual encerra na particularidade de um segredo são banidas, e o passado comum ou, se se quiser o menor denominador comum do passado, tem a nitidez quase coquetista de um momento funerário freqüentado assiduamente. (*BOURDIEU*, 2003, p. 69)

Para o autor, o álbum concentra a história da família. A seleção dos acontecimentos que merecem ser preservado aparece em suas páginas. As fotografias coladas nas páginas dos álbuns simbolizam a verdade. Em meio às inverdades do mundo, estão imunes as crises de identidade ou de falsidade. O que está ali foi testemunhado pelos envolvidos concedendo uma credibilidade indiscutível a memória preservada. Bourdieu não avançou sobre os estudos da memória, sua intenção era apresentar as conclusões sobre uso social da fotografia e descobriu

que a motivação para fotografar superava as dificuldades financeiras impostas pelo mercado fotográfico hegemônico.

O segundo estudo foi desenvolvido por Miriam Moreira Leite, e está publicado no livro *Retratos de família*, de 1993. A autora voltou-se para uma pesquisa histórica realizada com fotografias de famílias de imigrantes - vindos da Rússia, Alemanha, Itália, Portugal, Marrocos e Líbano -, registrados entre 1890 e 1930. Na seleção feita foram incluídas fotografias de casais, mães e filhos menores, idades da mulher, família (até duas gerações), classe escolar, piqueniques, além dos casamentos, tendo esse último recebido a seguinte observação: O retrato de casamento é o mais difundido nas diferentes coleções, ou como retrato avulso. A sua frequência parece confirmar a função incorporada da fotografia ao ritual do casamento, como um meio de solenizar a criação de uma nova família. (Leite, 1993, p. 74). A descrição se assemelha ao apontamento feito por Bourdieu e comprova que a importância dada ao registro fotográfico do matrimônio permaneceu sem alterações desde o século XIX e atravessa todas as classes sociais.

A autora trouxe diversas contribuições tanto para a pesquisa histórica documental quanto para a comunicação social. Ela não reduziu o trabalho a análise do conteúdo. Novamente seu texto é compatível com o de Bourdieu apesar da diferença temporal / geográfica e da metodologia empregada ao afirmar:

Nesse período, como a fotografia é utilizada para reforçar a integração do grupo familiar, reafirmando o sentimento que se tem de si e de sua unidade, tanto tirar as fotografias, como conservá-las ou contemplá-las emprestam à fotografia de família o teor de ritual de culto doméstico, em que a família pode ser estudada como sujeito e objeto. (LEITE, 1993, p. 87)

As famílias retratadas nas fotografias analisadas compõem um cenário de formação tradicional com pai, mães, filhos e outros parentes. Em um período intenso de transformações econômicas e sociais em escala mundial motivadas pelas guerras, cidadãos de países longínquos traziam nas fotografias o ímpeto da união indissociável de seus núcleos, apesar de muitas vezes já estarem separados pelas distâncias territoriais. Restavam as imagens dos grupos familiares em poses repetidas nas mais diversas culturas e a saudade, traduzida em lembrança trazida pelas fotografias.

Em uma pesquisa feita com fragmentos históricos das famílias seria improvável desconsiderar a memória como um eixo norteado do registro fotográfico, como destaca Leite:

As fotografias poderiam ser comparadas a imagens armazenadas na memória, enquanto as imagens lembradas são resíduos substituíveis de experiências contínuas. Em muitos casos, lembranças das fotografias substituem lembranças de pessoas ou acontecimentos, que são mutáveis, enquanto a fotografia fixa pode ser vista muitas vezes. (LEITE, 1993, p. 147)

Nesse trecho é possível identificar uma clara referência à memória biológica, e a evocação das lembranças por meio das imagens fotográficas. E, enquanto Leite se debruça nas memórias de famílias, outra pesquisadora, Rosangela Rennó traz as memórias esquecidas nas fotografias.

O trabalho sobre álbuns de família foi realizado pela artista que adquiriu em um dos chamados “mercados de pulgas”, em Bruxelas, um conjunto de “slides”. Era o início da coleção “memórias perdido dos outros” e, após dez anos, reuniu-as em seu livro *Bibliotheca*. São fotografias sem legendas, muitas apagadas, outras amareladas pelo tempo. Não há nomes, descrições; são memórias que foram perdidas porque as fotografias não pertencem mais aos seus legítimos donos. Que importância tem essas memórias perdidas? Talvez algumas representem ou caracterizem um estilo de vida.

É possível identificar modelos de roupas usadas em décadas passadas, hábitos à mesa. Entretanto, acredita-se que, para a memória fotográfica ser válida, é preciso reconhecê-la como necessária, é preciso ter uma relação afetiva, uma necessidade de recordação, a emoção por um fato vivido e, assim, mais uma memória é fixada. Caso contrário, podem ser dispensadas.

Essa ruptura acontece quando as pessoas que possuem as referências, que são capazes de identificar e evocar a memória ainda existem. Barthes (1984, p. 140) ao comentar as suas fotografias, escreveu:” Diante da única foto em que vejo o meu pai e a minha mãe juntos, que sei que se amavam, penso: é o amor como tesouro que desaparecerá para sempre; pois quando eu não estiver mais vivo, ninguém poderá testemunhá-lo: não restará mais que a indiferente Natureza”. Kossoy reafirma o comentário de Barthes quando enfatiza que, as fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. (2005, p. 43). A afetividade é, portanto, um fator de validação da memória.

Não é comum encontrar fotografias impressas fora do seu círculo familiar. Quem teria interesse de comprar fotografias de desconhecidos? Essas memórias perdidas perdem o valor afetivo. Flusser (2002, p.47) tem uma opinião mais radical ao afirmar que a fotografia

enquanto objeto tem valor desprezível. Não tem muito sentido querer possuí-la. Seu valor está na informação que transmite.

1.4. Razões para fotografar

O que motiva o ato fotográfico? São inúmeras as razões que mudaram com o passar dos anos. Se no século XIX começou como uma forma de representação de status social, no início do século XX, já estava dominada dentro dos lares como um recurso de preservação da memória familiar, nas imagens dos casamentos, batizados e viagens. Na pesquisa de Bourdieu avançam para os retratos de crianças, primeira-comunhão, e principalmente os casamentos.

E o que se fotografa no século XXI? Continua-se a fotografar casamentos e principalmente crianças. É obvio que não se restringe apenas há esses dois exemplos. Com a facilidade de manuseio dos novos equipamentos, a liberdade de fotografar expande para todos os momentos possíveis: o dia a dia, as festas em casa, as reuniões com amigos, chá de bebês, todos os eventos podem ser fotografados, inclusive, as pessoas podem aparecer sozinhas nas fotos. Não ter toda família enquadrada pela lente da câmera não reduz a unidade trazida pelos registros. Por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma – um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão. Pouco importam as atividades fotografadas, contanto que as fotos sejam tiradas. (SONTAG, 2004, p. 19).



Fotografia 7 Camila e tia Vani - 1999¹²

¹² . Fotografia do arquivo pessoal da pesquisadora registrada com câmera mecânica e filme analógico P&B . Digitalizada com scanner de negativo.



Fotografia 8 - Karen Christina S. Santos e Paulo Sérgio Santos / 2005¹³

Entretanto, algumas ocasiões memoráveis como os casamentos e o desenvolvimento dos filhos continuam sendo os protagonistas dos registros em família, por possuírem um significado fortemente afetivo. O casamento configura-se como um evento singular, único. A união de duas famílias que formaram uma terceira, completamente nova. Independente dos novos modelos de família e do aumento no número de divórcios, a celebração mantém-se como o ritual social mais importante na vida do casal. Não fotografar é o mesmo que renegar e menosprezar a memória. De modo geral, o interesse dos noivos em registrar o casamento tem se mantido e na maioria das vezes não é cogitada a possibilidade de uma separação. E, nem mesmo a independência financeira feminina destruiu o sonho de constituir uma família. A preparação, a escolha do vestido, a decoração da festa serão lembrados todas as vezes que for assunto em conversas com os amigos e parentes ou ao mostrarem um álbum de casamento.

O casamento se iguala em importância ao nascimento dos filhos. O que realmente motiva o registro de casamento são os laços de afeto e amor que unem o casal. O sentimento é a razão de querer perpetuar o momento especial vivido e ter a certeza que os detalhes de sua história não serão apagados pelo tempo.

¹³ Fotografia cedida do álbum de casamento de Karen Christina e digitalizada por scanner de impressora HP



Fotografia 9 - Laide e sobrinha Camila/ 2003¹⁴

Não importa, se fotografias de casamento pareçam todas iguais. No Brasil, os rituais são mantidos quando é realizada uma cerimônia religiosa: a noiva de vestido branco - poucas vezes muda-se a cor - e o noivo com a roupa mais elegante que já vestiu. Nesse cenário de felicidade começam a ser construídas novas narrativas de vida. Muitas outras fotografias se juntarão as do casamento e no futuro estarão representando o passado permitindo o reencontro subjetivo com familiares e amigos. Kossoy retratou esse reencontro:

Quando um homem vê a si mesmo através dos velhos retratos nos álbuns, ele se emociona, pois percebe que o tempo passou e a noção de passado se lhe torna de fato concreta. Pelas fotos dos álbuns de família, constata-se a ação inexorável do tempo e as marcas por ele deixadas, apesar dos álbuns só aparecerem os momentos felizes. (...) Estamos envolvidos afetivamente como os conteúdos dessas imagens; elas nos dizem respeito e nos mostram como, éramos como eram nossos familiares e amigos. (KOSSOY, 2001, p.100).

Bucci (2008, p. 78) concorda com as palavras de Kossoy, quando afirma: o álbum de família convida o seu público particularíssimo - formado por seus próprios personagens - a uma apropriação afetiva do tempo.

Para finalizar, chegou o momento de falar sobre as crianças. Uma casa com crianças é um lar diferente. Dificilmente não será encontrada uma fotografia de um rostinho bonito em porta-retratos ou até mesmo em ímãs de geladeiras. Sontag (2004, p. 18) faz a seguinte observação: Não tirar fotos dos filhos, sobretudo quando pequenos, é sinal de indiferença

¹⁴ Fotografia do arquivo pessoal da pesquisadora. Fotografia registrada com câmera mecânica, escaneada para ilustrar o trabalho

paterna, assim como não comparecer a foto de formatura é um gesto de rebeldia juvenil. Talvez um dos poucos motivos razoáveis que justificassem essa suposta indiferença seria a questão financeira, mesmo assim com ressalvas.

A dificuldade pode ter existido nas décadas passadas, quando o custo de produção e reprodução eram mais alto. Na atualidade, como é possível negar uma fotografia do aniversário dos filhos? Em princípio as imagens dos aniversários, das festas na escola, das viagens, pertencem aos pais, até os filhos entenderem o verdadeiro significado e começarem a fazer as próprias.



Fotografia 10 - Aniversário dos filhos: Estela e Giovani / Família Froes / Dez/2007¹⁵

Para as crianças, tirar fotografias é uma gostosa brincadeira de espelhos. Elas descobrem que pode se olhar e, a câmera se transforma em um objeto mágico em suas mãos. Com certeza a psicologia explica com mais propriedade, o fascínio que as fotografias exercem sobre as crianças. Para Novaes (2005, p. 110), a máquina de fotografar sonhos ainda não foi inventada, embora uma fotografia possa evocar exatamente a magia e o mistério daquilo que se registra com a câmera. Na memória dos pais fica registrada a imagem dos filhos quando crianças e de como se pareciam com eles.

¹⁵ Fotografia do álbum da família impressas da família Froes . Foi cedida a cópia digital

AS MEMÓRIAS DO HOMEM

CAPÍTULO II - AS MEMÓRIAS DO HOMEM

*Na fotografia
Estamos felizes*

Tom Jobim /Chico Buarque

Este capítulo mostra como está classificada a memória humana e trata da terceirização de informações importantes, já que a mente esquece, ainda especifica a necessidade de se estabelecer para qualquer pesquisa visões interdisciplinares. O trabalho se sustenta nas idéias de Edgar Morin e Lucia Santaella, dois defensores da pesquisa interdisciplinar e na teoria de Marshall McLuhan, publicada em 1964, no livro *Os meios de comunicação como extensão do homem*, em que trata das invenções tecnológicas como extensões do corpo.

2.1 A interdisciplinaridade da pesquisa

Edgar Morin , filósofo francês, escreve em seu livro *A cabeça bem feita – repensar a reforma, reformar o pensamento*, sobre o conhecimento e como é necessário sair das trincheiras que cercam as disciplinas e permitir a invasão de outras áreas do conhecimento para que se possa interferir no meio social sem determinismo de uma única verdade. Morin, afirma:

Assim, os desenvolvimentos disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão do trabalho, mas também os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e o despedaçamento do saber. Não só produziram conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira. (2008, p. 15)

A cegueira apontada é a incapacidade de perceber a ação dialógica existente entre as disciplinas e como a superespecialização reduz a abrangência da atuação. O conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inserida. O pesquisador usa a ciência econômica para exemplificar, contudo argumenta que os economistas estão isolados de dimensões inseparáveis, como as humanas e sociais.

O desafio de Morin, apontado na obra, é levar essa reflexão para as escolas e universidades a fim de disseminar uma reformulação do pensamento, já que, como ele mesmo apresenta, os conhecimentos fragmentados só servem para os técnicos. A partir de Morin,

podemos afirmar que se não conseguirmos integrar os nossos conhecimentos para a condução de nossas vidas, seremos incapazes de considerar a vida em toda sua complexidade.

Para Morin (2008), a interdisciplinaridade pode significar também a troca e cooperação, o que faz com que ela possa vir a ser alguma coisa orgânica. É nesse sentido que Santaella defende as interfaces das pesquisas de comunicação:

Não deve ser por mera causalidade que se acentuam cada vez mais as interfaces e cooperação das pesquisas em comunicação com algumas disciplinas, tais como as ciências cognitivas, as ciências da informação, inteligência artificial e a biologia que a despeito da especificidade de cada uma, estão lidando com questões que são antes de tudo, questões comunicacionais. (SANTAELLA, 2001, p.5)

É inegável o caráter híbrido da comunicação com outras disciplinas, não apenas as relacionadas às tecnologias, como também as relacionadas às ciências biológicas e cognitivas. Segundo Santaella, desde os anos 90 alguns estudiosos apontam para a interdisciplinaridade e diversidade de saberes e as ciências da comunicação têm muito para dar e receber nessa convergência.

Seguindo esta linha de abordagem científica, esta fase do trabalho buscará a interface com a neurociência e a comunicação, destacando a relação da fotografia como extensão da memória biológica. Antes disso, é relevante comentar algumas pesquisas como a realizada pelo Prof. Dr. Walter Teixeira Lima Junior, com o título *Formação das bases conceituais e criação de UML (Unified Modeling Language) visando à produção de software para pesquisa e validação qualitativa de fontes de informação jornalística*, apresentada no relatório de pós-doutorado à Universidade Metodista de São Paulo em 2007.

O estudo teve como objetivo medir as informações jornalísticas retidas pela mente em determinadas condições controladas. Para a recuperação dos conteúdos, foi necessário o entendimento de como funciona o sistema e mecanismo da memória, seus tipos e múltiplas e interligadas funções.

Inicialmente este estudo está apoiado na teoria de Marshal McLuhan e foi encontrado no artigo *Consciência e memória como objetos de comunicação: o approach de Marshal McLuhan*, publicada na edição nº 24 /2004, da Revista FAMECOS, que resume o doutorado do Prof. Dr. Vinícius Andrade Pereira uma reflexão sobre memória e consciência. Em seu trabalho Pereira afirma que a princípio, a memória não faz parte do conjunto de objetos explícitos com os quais McLuhan trabalha, entretanto, faz um recorte na teoria e permite estudar também a consciência, demonstrando que o autor é atual para demarcar temas e objetos que hoje se inserem como novos no campo da comunicação. Para Pereira (2004),

Mcluhan sugere, ao longo dos seus textos, que alterações quanto às tecnologias de comunicação proporcionariam novos modelos de subjetividade, como um todo, e de consciência em particular. E, complementa:

É nesse sentido que Mcluhan, ao ver a escrita como uma linguagem, como memória, como um meio- perpetuando um conjunto de mensagens, libertando o homem do peso da tradição imposto pela cultura oral -, reconhecerá a emergência de um novo modelo de consciência que passa a marcar-se pela individualidade. (PEREIRA, 2004, p. 155)

A proposta de Pereira em apresentar a memória como um meio e esse meio como sendo uma extensão para a linguagem permitiria ao homem usar essa tecnologia – a linguagem – de forma que o libertasse da oralidade, despertando uma nova consciência para adquirir conhecimento e serviria como base para a longa evolução da humanidade. A abordagem ousada confirma as múltiplas possibilidades e releituras da obra de Mcluhan.

Para finalizar incluímos aqui, após o levantamento bibliográfico da pesquisa, um artigo que se destaca pela proximidade com o tema da pesquisa, *A fotografia como objeto e recurso de memória*, escrito pelo Prof. Dr. Etienne Samain, da Unicamp, publicado na revista *Discursos Fotográficos*.

Samain não faz qualquer referência a Mcluhan, entretanto, traça um caminho para falar sobre fotografia, memória e tecnologia, que se difere deste último, apenas por não relacionar a memória gravada nas fotografias como extensão da memória biológica humana. Sua importância está na pesquisa sobre a tecnologia digital e suas facilidades, demonstrando como essa tecnologia foi rapidamente absorvida pelos consumidores. Embora descreva tais facilidades, estabelece uma ressalva: o perigo de manter as fotografias como arquivos digitais e não imprimir as cópias, pois se corre o risco de perdê-las definitivamente já que CD, DVD, e computadores são suscetíveis a vírus e outros tipos de danos.

2. 2 Uma breve passagem pela neurociência

O homem é o objeto mais examinado pelas ciências, é para ele e por ele que todas as coisas são feitas. Mesmo quando as investigações têm outros objetos, como em um efeito bumerangue, os resultados voltam-se novamente para o homem, pois é ele quem realiza pesquisa.

A origem humana confunde-se com definições e crenças religiosas e a busca por respostas que contrariam essas crenças é o grande desafio dos cientistas. Como explicar o que é o homem? Para Edgar Morin, ele é por natureza complexo:

O ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural. O cérebro, por meio do qual pensamos a boca, pela qual falamos, a mão, com a qual escrevemos, são órgãos totalmente biológicos, e, ao mesmo tempo, totalmente culturais. O que há de mais biológico – o sexo, o nascimento, a morte – é, também, o que há de mais impregnado de cultura. Nossas atividades biológicas mais elementares – comer, beber, defecar – são estreitamente ligadas a normas, proibições, valores, símbolos, mitos, ou seja, ao que há de mais especificamente cultural; nossas atividades mais culturais – falar, cantar, dançar, amar, meditar – põem em movimento nossos corpos, nossos órgãos; portanto, o cérebro. (MORIN, 2008, p.40)

Na citação, Morin apresenta o homem complexo, divididos entre o ser biológico e o ser cultural, ambos indissociáveis. Sua lenta e milenar evolução biológica foi carregada de significados atribuídos ao desenvolvimento social e cultural. Como afirma o autor, comer é quesito mínimo de sobrevivência, mas o modo como cada grupo humano realiza esse comer transforma o ato em um hábito cultural.

Essa intensa interação entre o cultural e o biológico só é possível porque existem os cinco sentidos: visão, audição, tato, paladar e olfato. Segundo Ackerman:

As várias espécies desenvolvem sentidos bastante afinados para os diferentes programas de sobrevivência, e é impossível que nos coloquemos no campo sensorial de qualquer uma das outras espécies. Desenvolvemos maneiras exclusivamente humanas de perceber o mundo, para enfrentar nossas necessidades ambientais. A física estabelece os limites, mas a biologia e a seleção natural determinam a localização de cada animal dentro das várias possibilidades sensoriais. [...] O mundo é uma construção fabricada pelo cérebro, baseado nas informações sensoriais que lhe são dadas, sendo a informação apenas uma pequena parte de tudo o que lhe é oferecido. (ACKERMAN, 1996, p. 354)

É por meio desse sistema biológico que se capta as informações no ambiente em que vive. Os sentidos são os mais primitivos e eficientes meios de comunicação, por meio deles é possível demonstrar os sentimentos e sentir o mundo: um olhar afetuoso ou furioso; fruir ao som de uma música agradável ou proteger os ouvidos do som ensurdecedor; se emocionar com um abraço protetor ou arrepiar-se pelo frio rigoroso; saborear um alimento doce ou recusar um gosto desagradável; sentir o perfume das rosas ou proteger-se de um alimento estragado. Os órgãos dos sentidos são servidos por nervos sensoriais no cérebro, como afirma a pesquisadora:

O cérebro é silencioso, escuro, não sente gosto e nada ouve. Tudo o que ele recebe são impulsos elétricos – não o chocolate suntuoso derretendo-se lentamente, não o solo do oboé como o vôo de um pássaro, não os pastéis cor de pêssego e lavanda do pôr - do sol sobre um recife de coral – só impulsos. O cérebro é surdo, mudo, cego e nada sente. O corpo é o transformador (do latim, *transducere*, conduzir, transferir), um aparelho que converte a energia de um tipo em energia de outro tipo, e é aí que está sua genialidade. Nossos corpos tomam a energia mecânica e convertem em energia. Toco a pétala macia de uma rosa vermelha Mr.Lincoln, e meus receptores traduzem esse toque mecânico em impulsos elétricos que o cérebro lê como macio, flexível, fino, curvo, orvalhado, aveludado: como a pétala de uma rosa. (ACKERMAN, 1996, p.358)

De acordo com as observações da autora, o cérebro é um centro de processamento de impulsos elétricos. Talvez, por isso os anatomistas tenham dado o nome de sistema nervoso central, a uma grande parte de sua estrutura.

O sistema nervoso central – SNC - compreende o encéfalo e a medula espinal. Segundo Van de Graaff:

O sistema nervoso central é especialista em receber e responder a ocorrências em nossos ambientes interno e externo. A consciência do meio ambiente é tornada possível através de neurônios (células nervosas), que são altamente especializados no que se refere à excitabilidade e condutividade. As funções do sistema nervoso ao longo do corpo juntamente com o sistema endócrino são coordenar as atividades dos outros sistemas do corpo. Além de integrar as atividades do corpo, o sistema nervoso tem a capacidade de armazenar experiências (memória). (VAN DE GRAAFF, 2003, p.11)

As funções do sistema nervoso incluem: coordenação e controle das atividades do corpo; assimilação de experiências necessárias para a memória, aprendizado, inteligência e programação do comportamento instintivo. Dessa forma, se configura como o órgão responsável pela interação do homem com o mundo. É importante esclarecer a sua exata localização e funções. Vários estudiosos da comunicação têm comparado os sistemas de informatização com o SNC, justamente por ser a região de onde partem todas as informações que percorrem o corpo. Com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou ou projetou para fora de si mesmo, um modelo vivo do próprio sistema nervoso central (cf. MCLUHAN, 2005)

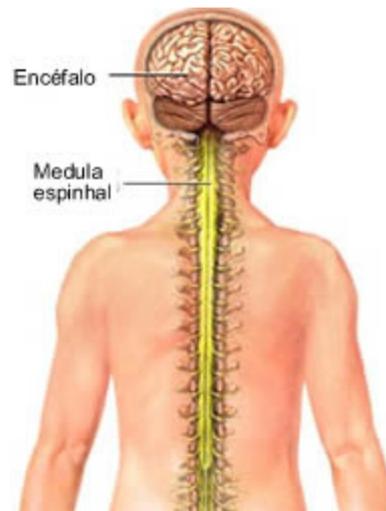


Figura 1 - Ilustração do sistema nervoso central¹⁶.

Como pode ser visto o sistema nervoso não está restrito somente a região cerebral. Partindo de uma base central, as informações – impulsos elétricos – percorrem as interligações nervosas permitindo toda movimentação do corpo humano.

2.3 A memória

Antes mesmo dos neurocientistas estudarem o cérebro e a memória, as culturas antigas buscaram explicações para entender o seu funcionamento. Foi assim na Grécia quando os gregos criaram uma deusa, a *Mnemosine*, mães de nove musas, procriadas durante as nove noites que passou com Zeus. Lembrar aos homens os atos heróicos do passado fazia parte de sua missão. *Mnemosine* revelava aos poetas - pessoas dotadas do dom da memória - o passado e atribuía a eles a responsabilidade de criar poesias e permitir aos jovens decorá-los. Cabia aos poetas lembrar-se de tudo.

Os filósofos Aristóteles e Platão também criaram as suas explicações para a memória e conseguiram, com sua definição, explicar claramente as funções básicas da memória biológica.

Segundo Leite:

Aristóteles distingue *mnemê* (memória) – faculdade de conservar o passado – e *mamnesi* (reminiscência) – faculdade de evocar voluntariamente esse passado, por um esforço intelectual . Platão, por sua vez, emprega a imagem da memória como impressão, traços depositados e gravados em nós: “A alma é revestida de uma camada de cera modelar, cuja espessura, consistência e pureza variam, aliás, de acordo com os indivíduos”. (LEITE, 2006, p, 53)

¹⁶ Reprodução – fonte : <http://www.educacao.uol.com.br/ciencias/ult1686u27.jhtm>. Acesso em 27/11/2008

A memória parece ser um fenômeno individual. Algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. A memória é como a personalidade: é única. A memória de uma pessoa só pertence a ela, não é possível transferir, logo, as lembranças mesmo quando compartilhadas, não se misturam às de outros indivíduos. É o que afirma Ricceur:

Primeiro, a memória parece ser de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são suas. Não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro. Enquanto minha, a memória é um modelo de minhadade, de posseção privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito. (RICCEUR, 2007, p.107)

São precisamente essas experiências que separam um indivíduo do outro, mesmo se gêmeos idênticos tivessem vivido todas as experiências juntos, não seria possível existir uma memória única para os dois.

Juntamente com as experiências, as emoções estão entre os fatores determinantes para o registro da memória: Segundo Cornu:

A memória está estreitamente ligada às emoções e as motivações. A maior parte dos pesquisadores nessas áreas estimam que, se somente 1% do conjunto de estímulos provenientes do mundo exterior for tratado pelo sistema nervoso central, os estímulos com forte carga emocional serão não somente percebidos, mas diretamente gravados na memória por longo tempo. (CORNU, 2004, p. 63).

Isso demonstra que as emoções agradáveis ou desagradáveis têm a força de manter por mais tempo as informações retidas na memória. Rose (1976, p.255), afirma que a memória são registros armazenados na experiência do indivíduo. O cérebro então seria um grande depósito central de informações vivenciadas no dia a dia. Essa definição vai ao encontro do pensamento de Lima (2008) que aponta que a memória no sentido restrito é a capacidade que certos seres vivos têm de armazenar, no sistema nervoso, dados ou informações sobre o que o cerca, para assim modificar o próprio comportamento. Uma definição mais completa é apresentada por Izquierdo:

Memória é a aquisição, conservação e evocação de informações. A aquisição se denomina também aprendizado. A evocação também se denomina recordação ou lembrança. Só pode se avaliar a memória por meio da evocação. A falta de evocação denomina-se esquecimento ou olvido. Uma falha geral da evocação de muitas memórias denomina-se amnésia. (IZQUIERDO, 2006, p, 15)

Nesta definição, Izquierdo explica as principais funções da memória e mostra que lembrança é a evocação da informação conservada no cérebro e amnésia é a ausência da lembrança, ou também se pode chamar de esquecimento. A memória é registrada por meio

das sinapses – conexões feitas com a liberação de neurotransmissores que permitem a comunicação entre os neurônios. Os avanços nas pesquisas trouxeram mais informações e clareza sobre o funcionamento da memória, como as realizadas pelos professores Stickgold e Ellenbogen e publicada na revista *Mente&Cérebro*, na edição de dezembro de 2008. Os pesquisadores investigaram a relação sono e memória e concluíram que uma noite de sono favorece a retenção das informações:

Além de fortalecer nossas lembranças, durante o cérebro adormecido examina, com cuidado os dados novos, selecionando aqueles que vale a pena guardar . Dormir também salva os conteúdos emocionais de uma imagem, um som, um cheiro, fazendo com que todo o resto, sem importância, seja apagado com o tempo. Além disso, é nessas horas “mortas” que o cérebro estabelece relações entre as memórias de toda a vida, identificando a essência de cada uma (STICKGOLD; ELLENBOGEN, 2008, p, 32).

Em 2006, os professores já haviam demonstrado a capacidade que o sono tem de estabilizar as lembranças e protegê-las das interferências.

2.3.1. Tipos de memórias

Não há um consenso entre os pesquisadores sobre quantos tipos de memórias existam. Entretanto, algumas classificações já são comumente aceitas, como as que se dividem em duas categorias: as declarativas e não declarativas. Segundo Izquierdo (2006, p.23), as declarativas são aquelas que nós humanos podemos declarar que existem e como são. Um exemplo prático seria lembrar a cor do próprio carro ou o que aconteceu no dia anterior. Já as não-declarativas, são as que sabemos que existem inconscientemente e não é preciso pensar nelas, como exemplos: andar de bicicleta, dirigir um automóvel.

Outros dois tipos são conhecidos como memória de curto prazo e memória de longa duração. De acordo com Izquierdo (2006), a memória de curta duração dura de uma a seis horas e a memória de longa duração pode durar muitas horas, dias ou anos. A neurocientista Suzana Herculano Houzel¹⁷, afirma que toda informação passa primeiro pela memória de

¹⁷ IZQUIERDO, Ivan. **O Mecanismo da Memória**. <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=6979> / Acesso dia 15 de outubro 2008

trabalho. Se ela tiver algum valor, é transferida para a memória de longo prazo. Caso isso não aconteça ela é descartada. É comum associarem a memória de curto prazo, à memória RAM dos computadores, aquela que existe enquanto se digita um texto armazena provisoriamente o conteúdo, mas caso ele seja desligado antes do comando de salvamento, ela será apagada. Enquanto a memória de longo prazo corresponderia a memória que foi salva e está armazenada na memória artificial do computador . Além dos tipos da memória mencionados, existem outras, entretanto não serão apresentadas por serem mais específicas da área da neurociência e o objetivo é apenas fazer uma breve menção para apoiar a abordagem do tema do trabalho.

2.4. Esquecimento

O esquecimento parece ser um dos aspectos mais incômodos da vida. Basta examinar o período de provas dos vestibulares e a tensão causada pela expectativa do resultado e como esses momentos de tensão podem fazer desaparecer em segundos tudo o que foi estudado durante meses. Em outros momentos, torna-se impossível lembrar de senhas ou encontrar o local onde foram deixadas as chaves do carro ou desaparecem os nomes de pessoas conhecidas. Nos exemplos citados, a perda de lembrança - o esquecimento - é comum, e não chega a comprometer a realização das atividades do cotidiano. Ao contrário dos casos mais graves provocados por doenças ou acidentes, como pancadas na cabeça, que podem torná-la permanente. De acordo com Gregg:

Todo mundo sofre falhas de lembrança, que são parte da vida cotidiana normal. Por vezes, essas omissões ocorrem porque os fatos ou acontecimentos não foram considerados muito importantes e, por isso, não foram aprendidos, isto é, não foram armazenados na memória. Outras falhas de lembranças podem ser devidas ao cansaço no momento de recordar algo, ou à distração provocadas por outros eventos em curso na ocasião (GREGG, 1976, p. 149)

As afirmações de Gregg demonstram que alguns fatores externos, como a distração, interferem na lembrança. Nesse caso, a atenção é um elemento que permite o arquivamento das informações. Para Schacter, (2003, p.44), o nosso sistema de memória precisa estar descartando constantemente o que não for desnecessário no momento e usar seus

recursos para o arquivo de informação nova, o que se entende como uma renovação de informações. Apesar dos fortes indícios negativos provocados pela perda da memória, os especialistas são enfáticos ao afirmar que é necessário esquecer parte das informações absorvidas diariamente..

O ser humano está predestinado ao esquecimento, não por outra razão Izquierdo escreveu em seu *A arte de esquecer*, sobre as causas do esquecimento. De maneira clara, explica que muitas memórias se perdem, não por desuso de sinapses, mas pela efetiva desaparecimento destas, quer dizer, quer por morte, quer por perda dos prolongamentos sinápticos correspondentes. Outro motivo é a morte dos neurônios que diferentes de outras células do corpo, eles não se renovam e as memórias armazenadas onde houve a perda desaparecem. O neurocientista complementa:

Claramente, muitas memórias desaparecem; esvaecem para sempre. Da imensa maioria delas não há evidência algumas de que nos sobre sequer um resto. E de muitas outras, só nos ficam fragmentos dos quais, à custa de muito esforço e com a ajuda de especialistas, podemos às vezes extrair o sentido (IZQUIERDO, 2004, p. 16).

Não é difícil relacionar o que afirmou o autor. Obviamente, todas as pessoas tiveram infância, freqüentaram os bancos escolares, tiveram amigos inseparáveis, brincaram na rua, ouviram histórias dos pais ou avós. Entretanto, essas lembranças vão desaparecendo, como se aos poucos e sem que sejam percebidas não façam mais parte da história de quem as viveu. Em outras situações, nem mesmo uma fotografia, uma carta ou livro são capazes de trazer de volta os fatos como realmente aconteceram.



Fotografia 11 – Camila e amigo na festa junina da escola/ 1999¹⁸

¹⁸ Fotografia do acervo pessoal da pesquisadora, registrada com câmera mecânica e filme colorido. Depois foi feita foto da foto com câmera digital

As imagens exatas da roupa caipira usado pela sobrinha durante a festa junina nos primeiros anos da escola ou a maquiagem de palhaço feita na festa do Dia das Crianças se perderão no tempo. As crianças irão crescer e com elas detalhes preciosos, esquecidos. Não por opção, mas por não se ter controle absoluto do que está registrado na memória ou de quanto tempo irá durar.

Se ao longo da vida, preservar as lembranças é uma tarefa difícil, na velhice essa atividade é muito mais complexa. A velhice traz com a experiência dos anos de vida, algumas doenças que interferem diretamente no registro e na evocação da memória. Entre as mais graves está o Alzheimer, doença degenerativa que corrói o cérebro impedido o doente de se relacionar até mesmo com sua família. Na doença, a memória e a linguagem são as áreas mais afetadas e o esquecimento é definitivo. A impossibilidade de lembrar os nomes das pessoas da família é um dos fatores mais desoladores. Na matéria Memória - Lembrar e esquecer: estudos tentam explicar a essência de nossas vidas, publicada pela revista National Geographic - edição brasileira, em novembro de 2007 – foram descritos casos de idosos que perderam a memória a partir das declarações dos seus filhos, como é o caso de Maggie Sterber:

Minha mãe, Madje Steber, está fazendo a melancólica viagem da perda da memória. Ela está no mar. E eu, sua única filha, reservei passagem em outro navio para navegar pelas memórias que descrevem toda sua vida. Fotografo minha mãe para ajudar na travessia, criando novas lembranças para mim mesma pelo caminho. Mostro-lhes as fotos, apesar de ela não se reconhecer. Para ela, são cartões - postais de terras distantes. (STERBER, 2007, p. 60)

O triste relato de Sterber demonstra que a lembrança é, portanto, o que permite a relação com o mundo. Todas as coisas só terão significado se houver um vínculo com as experiências do passado. Não lembrar é deixar de existir.

2.5 A fotografia como recurso de extensão da memória

Como já foi apresentado anteriormente, existe uma metáfora do senso comum que associa a precisão do registro fotográfico à capacidade da mente de memorizar. É popular a noção de memória fotográfica, sem dúvida porque a posse de tal facilidade removeria o esforço da frustração causada pelo esquecimento.

Desde a invenção da escrita, tornou-se possível a transferência de parte do conhecimento oral acumulado, para recursos tecnológicos de armazenamento como o papiro, argila, papel, livros, fotografias e computadores. De certa forma, é usual criar apoios que auxiliem no resgate de conteúdos e informações importantes para o desenvolvimento das atividades cotidianas ou para acumular conhecimento.

À medida que novos inventos tecnológicos são adotados pelo homem, ao mesmo tempo criam-se adaptações para o seu uso. Como por exemplo, a fotografia, objeto deste trabalho, ao ser inventada no século XIX tinha como função fixar imagens diversas, depois passou a ser um recurso comprobatório da verdade. Fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. (SONTAG, 2004 p.16). O poder de recortar fragmentos espaciais da realidade lhe atribuiu a credibilidade documental. Segundo Buitoni:

O vínculo físico entre o referente e a foto é a pedra de toque que justificou a credibilidade e a veracidade dessa reprodução técnica. Esse liame da cena, pessoa ou objeto com o momento exato do disparo somou-se à aura científica do contexto histórico em que a invenção fotográfica surgiu contribuindo para a idéia de registro fiel. (BUITONI, 2007,p. 104)

Essa verdade aparentemente incontestável trouxe, portanto, uma utilidade adicional a fotografia e posteriormente, a sua validação como documento histórico. Entre as inúmeras adaptações que se seguiram, talvez a mais controversa seja justamente a que está relacionada ao tema desta pesquisa: a fotografia como extensão da memória biológica humana. Ela seria considerada mais um recurso tecnológico entre os muitos já assimilados e adotados ao longo do desenvolvimento humano. Como já foi sinalizado no início deste capítulo, a memória humana é passível de esquecimento e o intenso volume de informações diárias dificilmente é absorvido em sua totalidade. O que pode ser transferido para outros compartimentos – nesse caso externos – assim será feito, pela conveniência e comodidade que oferecem. A fotografia é mais um compartimento externo, ou uma extensão do corpo humano, aqui entendida como alargamento, prolongamento, da memória.

Esse recurso tecnológico – a fotografia – já foi citado como extensão do corpo por Marshall McLuhan, porém o autor não descreve com precisão como isso acontece:

A tecnologia da fotografia é uma extensão do nosso próprio ser e pode ser retirada da circulação como qualquer outra tecnologia, se chegarmos à conclusão de que ela é nociva. Mas a mutilação dessas extensões do nosso ser físico requer tanto conhecimento e perícia quanto uma amputação física. (MCLUHAN, 2005, 219)

Nesse sentido, será feito o recorte em sua teoria que defende os meios de comunicação como extensão do corpo. A fotografia e a memória não mereceram do pesquisador a mesma atenção concedida aos outros meios de comunicação como a televisão, um dos principais objetos de seus estudos. A escolha de McLuhan como referencial teórico está intrinsecamente ligado ao fato do autor transitar por outras áreas e citar em muitos dos seus textos referências sobre a neurociência e a anatomia, também presentes neste trabalho, na condição de apoio para sustentar a abordagem.

Dois dos seus principais conceitos partiram de pesquisas de seus melhores amigos. Na verdade, McLuhan se apropriou das idéias pouco difundidas e as transformou em referências acadêmicas aceitas na atualidade, apesar das críticas que recebeu. O primeiro a influenciar na concepção de suas teorias foi Harold Innis, de Toronto, após a publicação dos livros *Império e comunicações* e *O viés da comunicação*, entre 1959 e 1951. Foram desses livros que extraiu o conceito de macluhanismo: o de que qualquer grande novo meio de comunicação altera toda a perspectiva das pessoas que o usam (MCLUHAN, S; STAINES, D, 2005, p. 14). Innis foi o primeiro a apontar que a imprensa inventada por Gutemberg em 1450, havia provocado uma expansão significativa no modo de vida dos cidadãos .

McLuhan, então lançou em 1962, o livro *A galáxia de Gutenberg*, com idéias ampliadas de seu amigo. Não pode ser considerada mera coincidência, o livro descreve as alterações sofridas pela sociedade desde a popularização dos textos impressos. O segundo amigo a influenciar McLuhan foi Pierre Teilhard de Chardin, um geólogo e paleontólogo francês, envolvido com a igreja católica que conseguia manter a alma de cientista. Veio dele a frase: "Deus estava dirigindo, nesse exato momento, o século XX, a evolução do homem para a noofera, (...) uma unificação de todos os sistemas nervosos humanos, todas as almas, por meio da tecnologia". (MCLUHAN, S; STAINES, D, 2005, p 17).

Ele escreveu sobre tecnologia como se tivesse poderes premonitórios, em uma época de computadores gigantes e redes de TV que ainda engatinhavam. Entre outras observações importantes aproveitadas por seu amigo está a dizer que a tecnologia estava criando um novo sistema nervoso central para a humanidade, capaz de torná-la uma civilização unificada, uma membrana única, transformada por McLuhan em "aldeia global". A genialidade de Teilhard era inegável. Todavia foi sucumbida pelas interferências religiosas que sofreu ao longo de sua vida. Seus livros não foram publicados, particularmente por defender a teoria de Darwin considerada uma heresia e uma afronta aos preceitos católicos.

Em 1964, McLuhan publicou o livro que definitivamente o lançou a categoria de grandes teóricos da comunicação: *Para compreender os meios de comunicação* - no Brasil

recebeu o título *Os meios de comunicação com extensões do homem*. O livro foi dividido em duas partes. O primeiro capítulo é aberto por uma das frases que marca o seu trabalho: O meio é a mensagem. E logo no início do parágrafo faz a seguinte observação:

Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as conseqüências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja – e de qualquer uma das extensões de nós mesmos constituem o resultado do novo estágio introduzidos em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. (MCLUHAN, 2005, p.21).

Ao longo do livro o autor justifica as suas observações declarando o meio de transmissão como mais importante que a mensagem, propriamente dita. Na segunda parte, relaciona como cada uma das invenções tecnológicas da comunicação é considerada extensões do corpo: da palavra falada à impressa; do vestuário à automação, demonstrando como cada tecnologia está intrinsecamente ligada a outra. É interessante destacar a forma como cita os sentidos humanos no trabalho para explicar a extensão do corpo. Com o telefone, temos a extensão do ouvido e da voz, uma percepção extra-sensória. Com a televisão, vem a extensão do sentido do tato ou da inter-relação dos sentidos, que envolve mais intimamente ainda todo o nosso mundo sensorial.

Dessa forma, ocorre a extensão, o prolongamento dos sentidos, a fim de atender uma necessidade por meio de um objeto tecnológico. A voz humana tem naturalmente um alcance limitado, como os demais sentidos. O telefone, então, estende a voz reduzindo a distância geográfica até chegar ao outro ponto. Não existe outra maneira de conversar a distância.

Uma perna mecânica é uma extensão de uma perna amputada, um carro é uma extensão das pernas, por potencializarem a capacidade humana de locomoção.

No caso da fotografia, é preciso fazer as seguintes considerações: a primeira, alguns autores relacionam a câmera, como extensão do olhar. Philippe Dubois, em seu livro de 1990, trabalha o ato fotográfico como extensão do olhar e do progresso visual da captação das imagens que são desdobradas na memória (LEITE, 2005, p34). E está correto, a câmera possui uma lente, criada a imagem e semelhança do olho humano e para fixar o olhar no objeto a ser fotografado é preciso ter um equipamento. Em uma citação do fotógrafo Henri Catier Bresson:

Fui a Marseille. Um pequeno subsídio me permitia sobreviver e trabalhei com prazer. **Acabara de descobrir a Leica. Ela se tornou uma extensão do meu olho e, desde que a descobri jamais me separei dela** (grifo nosso). Vagava pelas ruas o dia inteiro, sentindo-se muito alerta, pronto a dar o bote, determinado a capturar a

vida – a preservar a vida no ato de viver. Acima de tudo, eu ensinava capturar no âmbito de uma só foto, toda essência de uma situação que estivesse em processo de desdobramento diante dos meus olhos (BRESSION, apud SONTAG, 2004, p.201)

Existe uma forte relação entre o fotógrafo renomado e sua câmera, quase sentimental, como se ela fosse capaz de capturar tudo o que o olho não conseguiria.

Villem Flusser compatibiliza dos conceitos de McLuhan, quando afirma:

Instrumentos são prolongamentos de órgãos do corpo: dentes, dedos, braços, mãos prolongados. Por serem prolongamentos, alcançam mais longe e fundo a natureza, são mais poderosos e eficientes. (...) Será então, o aparelho fotográfico máquina por simular o olho e recorrer a teorias óticas e químicas, ao fazê-lo? (FLUSSER, 2002, p.21)

Como pode ser percebido, o prolongamento do corpo está associado ao uso do aparelho fotográfico, embora seja limitado ao tipo lente acoplada a câmera. Uma lente com *zoom* potencializa a aproximação visual do objeto que se deseja fotografar, aumentando ou não a distância que se deseja registrar e até mesmo criar efeitos estéticos impossíveis de conseguir apenas com o olho humano. Na opinião de Santaella (2008, p.126), dependendo, por exemplo, do tipo de objetiva escolhida, normal, grande angular, teleobjetiva ou uma panorâmica e olho de peixe, em cada uma delas tem-se um modo de transição de espaço radicalmente diferente

A segunda consideração, diz respeito ao resultado do uso da câmera, ou seja, a fotografia. McLuhan discorre sobre os benefícios trazidos pela fotografia e sua contribuição para o surgimento do cinema e a interferência nas artes. Ele aponta que a maior revolução introduzida pela fotografia foi, talvez, a observada no mundo das artes tradicionais, pois como o pintor já não podia pintar um mundo fotografado em demasia, passou a dedicar-se à revelação do processo interno da criatividade, no expressionismo e na arte abstrata, conseguindo, assim libertar-se das regras e estabelece novos horizontes e percepções. (MCLUHAN, 2005, p, 220).

O que caracteriza de maneira peculiar a fotografia é o fato de apresentar momentos isolados no tempo. Em seu estudo sobre os meios de comunicação, nas poucas páginas destinadas à teorização sobre a fotografia, Macluhan conseguiu sintetizar seus diversos aspectos na publicidade, na sua constituição química e como a fotografia auxiliou nos campos da ciência e até nas viagens. O autor, entretanto, não menciona qualquer tipo de memória que possa estar integrada a fotografia. Dessa forma, permite que outros pesquisadores vasculhem

brechas em sua teoria, permitindo interpretações possíveis que contribuam para uma ampliação do conceito defendido dos meios de comunicação como extensão do homem.

Como a princípio, a memória não faz parte dos objetos explícitos de Mcluhan, aqui, ela será explorada de forma que seja percebida claramente como uma extensão do corpo humano, pois como apontam Mcluhan & Staines:

Mcluhan começara a considerar todos os artefatos humanos, das ferramentas primitivas à mídia eletrônica, incluindo os computadores, como extensões do corpo humano e do sistema nervoso humano – e como componentes de uma evolução do homem que Darwin nunca poderia ter imaginado. “A tecnologia do homem”, e afirmava, “é coisa mais humana que ele tem”. (MCLUHAN & STAINES, 2005, p, 329)

Englobando do artefato mais primitivo ao mais moderno, como as mídias eletrônicas, Mcluhan ampliou o seu conceito, mesmo que ainda não tivesse conhecido a internet e outros recursos de uso cotidiano, dá mostras que os recursos tecnológicos são eficientes auxiliares, funcionam como complementos do ser humano.

A fotografia é um recurso comunicacional tecnológico, está imersa em nossas vidas de tal forma que é impensável desassociá-la do dia a dia. Ela preserva a memória humana, ela estende para seus arquivos impressos ou eletrônicos fragmentos dos fatos vividos por cada um e pode ser usada na narrativa histórica de nossa sociedade. **Para demonstrar como a fotografia funciona como extensões do homem serão utilizadas exemplos de fotografias de família.**



Fotografia 12 - A mãe, Patrícia e os filhos Anna Helena e Lucca com um mês de vida
outubro /2008

Essas fotografias de família representam a extensão da memória, por haver uma estreita relação afetiva que motiva a preservação. Elas reforçam a memória, pois complementam e endossam as histórias orais. Uma fotografia sem referências é apenas mais uma fotografia. Uma fotografia com legenda e anotações é mais um recurso que fortalece laços afetivos. Entre as muitas fotografias da família, algumas possuem um caráter único. Como se tivesse sido selecionada em meio à dezena ou centenas de muitas outras. A fotografia cedida por Patrícia Silvestre Leite Di Iório registra um tranquilo momento de família, que reuniu: a mãe, a filha Anna Helena, de oito anos, Lucca, com um mês e o pai Gerson Di Iório, o fotógrafo.

É uma fotografia simples, sem arranjos ou efeitos visuais, mas marca o primeiro mês de Lucca, o filho caçula. A beleza da foto está na semelhança com as antigas fotos familiares em que hora todos os filhos ladeavam os pais, ora a matriarca da família é quem aparecia com seus filhos. Nesta, a mãe ladeada pelos filhos evoca a memória do passado, das fotos que via (e que todos nós víamos) na infância – nossos avós fotografados com nossos pais e tios. Essas fotos familiares, herança das fotos da família real e de nobres mostram a linhagem e registram os membros de cada clã.

Outro ponto que podemos destacar a respeito da própria simplicidade da fotografia, que tirada pelo pai em lugar de um profissional, é que ela marca a democratização e a popularização da atividade. Hoje todos são fotógrafos e não precisam mais contratar um profissional para o registro e o arquivamento do cotidiano. Se no passado as fotos eram mais escassas, hoje qualquer criança anda com um celular com câmera fotográfica e pode registrar momentos importantes. É claro que o profissional ainda é o responsável pelas datas e eventos mais relevantes, mas o cotidiano passou a ser registrado também.

Outro encanto que a foto possui é a graça do olhar de Anna Helena que aconchegada, nos braços da mãe, demonstra a felicidade por ter mais um membro em sua família. A imagem pertence ao passado, mas tem a força de disparar lembranças e essa família, nunca mais vai esquecer o dia em que o filho caçula completou um mês e eles celebraram esse acontecimento. Nas palavras de Kossoy:

Quando falo em passado, quero dizer que o momento vivido é irreversível e que as situações, sensações e emoções que vivemos estão registradas no nosso íntimo sob a forma de impressões. Essas impressões, com o passar do tempo, se tornam etéreas, nubladas, longínquas. Se tornam fugidias com o enfraquecimento de nossa memória; por fim, desaparecem, com o nosso desaparecimento físico. (KOSSOY, 2005, p.42)

Kossoy, que pertence a área da comunicação social, reconhece que a memória biológica enfraquece e as impressões se tornam nubladas, longínquas. Os filhos de Patrícia crescem e a cada dia a fisionomia toma novos contornos, os rostos mudam. Essas mudanças estarão cada vez mais distantes das lembranças da mãe. A fotografia trará de volta os detalhes preciosos que se perdem com o tempo.



Fotografia () Primeiro olhar de Sandra Botelho para a filha Beatriz, após o seu nascimento / Março / 2007

O que se pretende ver nas fotografias? O que elas revelam? Imagens que revelam detalhes da vida que se pretende mostrar; como a maternidade, um momento sublime na vida de uma mulher. A emoção vivida é para ser eternizada. Há mais de 30 anos, esse tipo de fotografia estaria reservado apenas para as matérias jornalísticas ou em artigos médicos. Até a clássica fotografia da atriz Leila Diniz, posando grávida e usando biquíni em uma praia da cidade do Rio de Janeiro, no final da década de 60, foi motivo para escândalo.

Na história de Sandra Botelho e Beatriz, as memórias da filha começaram a serem registradas desde a gestação. A mãe guarda cópias dos ultra-sons e de cada fase do crescimento. A maioria das imagens foi feita pelo pai que usa a câmera como prolongamento do seu olhar e o que seu olhar capta pode ser visto também pelos outros membros da família e

amigos. As fotografias, além de servirem à família como uma memória que pode ser revivida, serve para compartilhar momentos felizes com quem não estava presente.



Fotografia (11) Beatriz /2007

O olhar de Beatriz é repetido todas as vezes que a filha olha para a mãe, mas o olhar do momento do seu nascimento, não se repetirá. Entretanto estará protegida contra as ações do tempo e do esquecimento graças a um recurso chamado fotografia.

A fotografia, como a memória, também é seletiva, porém a decisão de querer perpetuar as fases de crescimento dos filhos, ou outros detalhes da vida familiar dependem de escolhas de quem as registra. O que se pretende fotografar? Fotografa-se o que é considerado importante, relevante, para o fotógrafo ou para os fotografados.

Nota-se nas fotografias atuais, que, muitas vezes, os filhos aparecem sozinhos, não há a necessidade de todo o momento, toda a família estar junta. Quando forem rever as fotos, ou ainda , quando olharem as fotografias nos porta-retratos , nos celulares e até mesmo nos irmãos de geladeira, sempre será possível o reencontro . Kossoy afirma:

Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida (...). Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advém de cada foto, o retratado ou o retratista em sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o start da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções. (KOSSOY , 2005,p,43)

Onde ocorre o *start* da lembrança? Com certeza no cérebro a partir dos sentidos, aquele cheiro que lembra a casa da avó ou o sabor do doce que lembra uma festa, mas, aqui, destaca-se a fotografia que evoca a história de vidas entrelaçadas. Reafirmamos que a memória é singular, mas as lembranças são plurais. E, o olhar singular e subjetivo é o que faz com que se diferenciem cada momento e com que cada um possa olhar de forma diferente para uma mesma fotografia. Para Chauí (1998, p.47) é graças a visão que podemos conceber o tempo, pois com ela distinguimos dia e noite, meses e anos. A visão é, portanto, a janela para o mundo e também para o mundo pertencente a memória preservada pela fotografia.

**AS MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS DA FAMÍLIA AMPLIADAS PELA
TECNOLOGIA**

CAPÍTULO III - AS MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS DA FAMÍLIA AMPLIADAS PELA TECNOLOGIA

*O retrato que te dei
Se ainda tens, não sei
Mas se tiver devolva-me*
Lílian Knapp / Renato Barros

3.1 Adoções da tecnologia pelo homem e do homem pela tecnologia

Este último capítulo tratará da relação do homem com a tecnologia. O foco estará nas fotografias digitais, as memórias imateriais que deixam o espaço privado para percorrer o público. O ser humano está se relacionando com a tecnologia desde que tomou posse de instrumentos para sua alimentação e defesa, deixando de ser apenas um animal a ser consumido, mas também próprio para o ato de consumir. O ato de friccionar pedras, fazer uso de galhos e aquecer-se em prol da sua sobrevivência tornou o homem capaz não só para o uso, mas para o desenvolvimento da tecnologia.

A tecnologia advém, portanto, com este propósito para o ser humano, o de substituir tarefas e proporcionar adequação à sua sobrevivência e às suas necessidades, conforme estas se declaram com o passar do tempo. Seguindo este raciocínio, Wiener declara:

(...) são máquinas para realizar alguma tarefa ou tarefas específicas, e, portanto, devem possuir órgãos motores (análogos aos braços e pernas dos seres humanos) com os quais possam realizar essas tarefas. (WIENER, 1956, p.33)

Já em 1964, McLuhan¹⁹ definiu ser o aparato tecnológico uma extensão do próprio homem e este tenta auto-reproduzir-se neste veículo de extensão, buscando a materialização das simbologias que lhe pertencem para o contexto máquina, hoje, efetivada como valor dos fazer humanos em seu próprio contexto. Esta aglutinação do homem-máquina, ao longo do tempo, fez, unicamente, aperfeiçoar-se.

Os caminhos neurais da “internet” são os simuladores cibernéticos do sistema nervoso humano em nível global de ação, os caminhos se encontram e re-encontram bifurcações de ligações de sentido, uma recorrência às lembranças dos caminhos humanos em seus resgates

¹⁹ MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media). São Paulo: Cutrix, 2005

de pensamentos, programados as moldes do que o próprio ser humano é nas suas propriedades cerebrais e sua maneira de estar e se relacionar com o mundo e seus objetos.

Não seria, até o presente momento, um caso de substituição do elemento humano, mas de representação, fato que se configura ao se adentrar em páginas da “internet” e trocar mensagens com outras pessoas ali representadas por uma linguagem especializada e que exige conhecimento de uso. A partir daí o homem se estende ao mundo, o que exige aprendizado e poder de participação.

Santos não vê com simpatia a falta de democratização no mundo da informática, mundo para uns e não para outros, segundo ele, o século XX foi um século que deixou a marca das desigualdades na comunicação:

O século XX ficará na história (ou nas histórias) como um século infeliz. (...). Eu próprio escrevi que o século XX corria o risco de não começar nunca ou, em todo o caso, de não começar antes de terminar. Com outras palavras e metáforas a mesma convicção ou preocupação tem estado presente, consciente ou inconscientemente, nos muitos balanços do século que, um pouco por toda a parte, se tem vindo a fazer. (SANTOS, 1999, p.75)

Os jovens, atualmente, nas grandes cidades já não reclamam de uma falta. A verdade é que são privilegiados por nascerem em um espaço informatizado, entretanto, no Brasil, por exemplo, muitas regiões não têm e não sabem fazer uso da informática, especificamente, da internet. O fato de ter o computador no ambiente familiar não quer dizer, ainda, estar em contato com toda a potencialidade da máquina, daí existirem as “Lan-Houses” para contatos entre jovens, principalmente, que procuram potência para integração aos jogos, uma outra qualidade de inserção entre esses grupos.

Em nosso vocabulário do cotidiano, palavras como “Bytes”, “Hardware”, “Software”, “Mega”, “Pixel”, entre outros termos, que nos colocam em situações de adequação cultural, social e também econômica, ditas ideais na sociedade hipermoderna, moldando-se um outro comportamento lingüístico-terminológico para efeito no cotidiano das relações humanas, o da cultura técnica.

A cultura modela seu comportamento na realidade das novas propostas, até mesmo no ato de ler e o livro foi questionado na sua formatação-adequação à nova postura diante da aquisição de conhecimentos.

Frisa-se que o ser humano sempre buscou na sua inteligência formas que prolongassem a vida e seu conforto, e o livro foi e é um dos modos de adquirir conhecimento, além das possibilidades oferecidas pela internet. Falar em internet, no entanto, não é dizer o sinônimo da tecnologia, mas parte de todo um conjunto de novidades que facilitam a vida de integrados e de receptores comuns, que também podem se beneficiar de bens não materiais advindos das tecnologias de todas as ciências, mesmo não conhecendo as propriedades que compõem um elemento químico, por exemplo.

A civilização humana questiona seus usos e benefícios porque seria da sua própria natureza, não-mutante neste sentido, o simples ato de questionar tudo que a rodeia e a constrói.

A indústria moderna também utiliza o homem como extensão de suas possibilidades, porém, se o faz é para trazer à própria comunidade humana este bem, um círculo também questionado, pois o homem-máquina, inicialmente, como qualquer alteração na natureza, amedronta e provoca questionamentos.

A questão a que se chega hoje não é só a do avançar, mas além, do como avançar sem prejudicar o próprio meio ambiente e seus recursos, avançar sem colocar em risco o que é, no total da história, o maior valor que é a vida do planeta e a vida humana. As novas tecnologias pedem novas administrações e mentalidades de organização. Hoje o termo “sustentabilidade” povoa os falares do conhecimento técnico e chega, pelas mídias, ao cidadão, já preocupado com o futuro de si, dos seus e do todo humano. A memória imaterial faz parte do existir os homens na terra, dotados de seus costumes, de suas histórias, idiossincrasias.

Manter vivas as memórias imateriais é possibilitar uma real permanência dos traços humanos sobre o planeta, pois todos os artefatos que puderam ser encontrados ao longo do tempo por arqueólogos não edificam uma nova realidade a ser vivida, mas antes, compreendida pelos sentimentos e valores de seus símbolos como formadores culturais e, assim, poder resgatar a essência do pensamento humano nas diferentes fases da sua história.

3.2 A digitalização das imagens da família

A fotografia chega aos 170 anos de existência e essa centenária invenção do século XIX chega ao XXI, mantendo os princípios de sua origem: ainda se escreve pela luz. Entretanto, as transformações técnico-científicas trazidas pela informatização da informação causaram impactos profundos em todas as áreas da sociedade, principalmente, na produção e

distribuição de produtos comunicacionais: jornais, revistas, músicas, textos, vídeo e a própria fotografia, pois todos esses seguimentos de comunicação viram os seus antigos formatos serem destruídos pelos processos de digitalização.

Quando falamos de comunicação digital, falamos aqui de conversão de sons, imagens e textos para formatos legíveis por computador – seqüências de uns e zeros que carregam a informação em formato codificado (STRAUBHAAR; LAROSE, 2004, p.15). Nesse formato os produtos trafegam entre os computadores por fibra ótica, comprimem tempo e espaço, criam novas formas de armazenamento de documentos. A fotografia, objeto deste estudo, foi absorvida rapidamente, e os tradicionais filmes analógicos produzidos durante décadas perderam a hegemonia em todas as partes do mundo.

Ao longo do século XX, a tecnologia adquiriu cada vez mais o caráter ruptivo dos modelos de produção. A grande revolução ocorre a partir de 1888, quando o americano George Eastman criou o filme em rolo e coloca-o dentro de uma pequena máquina que dá o nome de Kodak. Com uma estratégia de marketing simples, porém eficaz: “Você aperta o botão e nós fazemos o resto”, permite ao consumidor tirar as próprias fotografias com baixo custo, já que a empresa se responsabiliza pela revelação e pela entrega de uma nova câmera com filmes.

A partir dessa estratégia, cria-se um novo e promissor mercado, sustentado pela relação de dependência que os fotógrafos amadores mantinham com a empresa. O modelo de negócio da família Eastman parecia inabalável. Entretanto, os avanços tecnológicos conseguidos pelas pesquisas com objetivos militares, feitos pelo governo americano, afetaram áreas do mercado antes intocadas até mesmo por problemas econômicos. Acreditamos que nem mesmo os precursores da tecnologia digital que começava a ser forjada durante a Segunda Guerra Mundial, podiam prever as mudanças culturais, sociais e econômicas que estavam por vir.

O processo de digitalização do mercado fotográfico teve início na década de 60, com o uso de uma câmera de televisão especial na sonda Mariner, depois, outra câmera, agora da Kodak, embarca com os astronautas Aldrin e Armstrong em viagem à lua. Na década de 80, surge a Mavica²⁰, modelo da Sony. Nesse momento, essa tecnologia ainda era muito cara e com baixíssima resolução (0,3 megapixel's).

As tecnologias de digitalização explodiram as estruturas anteriores de oferta, demanda, custos de produção, custos de distribuição, competição. O que era para ser apenas a criação de

²⁰ Era uma câmera de vídeo estática, um modelo parecido ao utilizado na sonda Mariner em 1965

um novo modelo de câmera fotográfica foi modificado por um processo maior, que alterou a forma de fazer negócios em diversos setores econômicos. O mercado fotográfico era consolidado; o hábito de fotografar assimilado em todo o mundo, ainda garantia bons negócios a outras empresas como a Fujifilm (japonesa) e Agfa (belga).

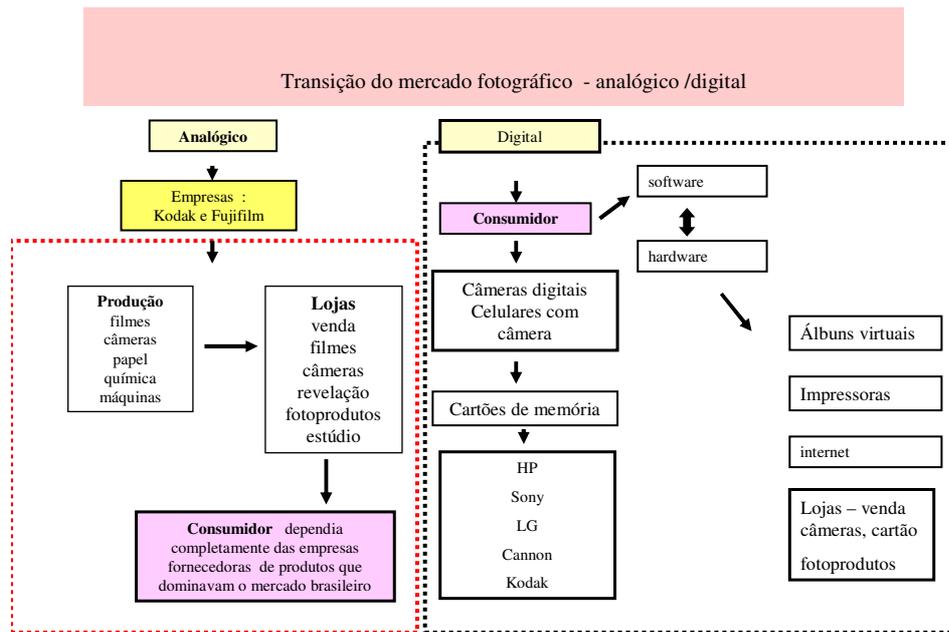
Se na chamada economia analógica, o fluxo de informação é físico e há modelos de gestão e produtos centenários, a partir da década de 90 começa a ser desenhado um cenário econômico, traçado por empresas que despontam em um universo empresarial acostumado a ditar as regras comerciais e por adotar modelos de gestão administrativas agressivas, mas ao mesmo tempo superficiais: como a reengenharia. Para Siqueira (2007), a convergência digital de nossos dias causou grande impacto no futuro dos impérios da mídia, nos novos estilos de vida, nas novas carreiras e profissões, na mudança regulatória e nas novas questões sociais.

Diante dessas alterações advindas da tecnologia digital, as grandes organizações estão perdendo a capacidade de controlar a produção e a circulação de idéias sobre seus produtos e serviços. A tecnologia da informação cria a chamada economia digital e os custos de produção e de reprodução despencam. Como afirmam Shapiro e Varian:

A informação digital pode ser copiada com perfeição e transmitida instantaneamente em volta do mundo, o que leva muitos produtores de conteúdo a visualizar a internet como uma copiadora gigantesca e fora de controle. Se as cópias excluem pela força do número as vendas legítimas, os produtores da informação podem não conseguir recuperar seus custos de produção. (SHAPIRO;RAVARIAN, 1999.p.17)

O fato de ter produtos circulando em redes e de forma imaterial não causou estranhamento ao mercado fotográfico. Contudo, novos atores entraram em cena. No mercado atual, o consumidor é protagonista e proprietário das suas fotografias. Com as diversas formas de armazenamento, é ele quem dita regras e decide se vai ou não imprimir/revelar nos antigos processos químicos. A facilidade encontrada no registro ilimitado proporcionado pelas câmeras digitais fez cair consideravelmente o número de filmes em rolos vendidos. A Kodak teve um prejuízo nos últimos cinco anos estimados em 1bilhão de dólares e uma dívida de 3,5 bilhões. O erro da empresa foi manter fábricas, os laboratórios instalados nos revendedores e não ter revisto a tempo, o seu principal produto: o filme.

No quadro abaixo é possível visualizar as principais mudanças ocorridas na transição do processo analógico para o digital.



Quadro 1 – Transição do modelo de consumo da tecnologia analógica para a digital²¹

O consumidor aos poucos está deixando de utilizar os serviços especializados oferecidos nas lojas. A comodidade de ver as fotografias imediatamente e de disponibilizá-las em blog's e fotolog's afastou os antigos e novos clientes. Os porta-retratos digitais e os softwares de edição de imagem trouxeram mais benefícios e redução de custos. De acordo com Rocha:

A Kodak inventou a máquina digital, mas não acreditou no invento. Acho que nunca se tirou tanta foto como hoje em dia, e todas elas ficam boas e, se não ficarem, basta deletá-las, sem nenhum custo e sem esperar a revelação. Não há mais o problema do filme, da ASA, do DIM, da sensibilidade, do tamanho, do tipo de luz. Qualquer amador virou profissional e quando chega em casa, uma pequena impressora reproduz as fotos ou é possível vê-las na televisão. (ROCHA, 2007, p.88)

Como afirmou Rocha, o hábito de fotografar não mudou, pelo contrário foi intensificado pelas facilidades trazidas pela digitalização. No início dessa fase de transição entre o modelo analógico e o digital não foi fácil entender de pixels²², bits e deixar de lado os rolos de filmes e a compra do tipo de filme certo para cada exposição à luz, especialmente, o

²¹ Quadro apresentado pela pesquisadora no seminário da disciplina Tecnologia e Mercado, ministrada pelo prof. Dr. Marcelo Coutinho, no curso de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, em 2007

²² Pixels, de Picture element, são pontos que juntos, formam uma imagem - NEGROPONTE, N. Vida digital. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p20.

homem deixou de controlar a expectativa pelos resultados das fotografias, já que agora elas são imediatas e até possíveis de serem descartadas.

Na verdade, as novas câmeras mantêm os princípios da analógica e alguns ícones são universais como a tulipa, que permite fotografar com detalhes. Muitas ainda têm o recurso para fotografar no modo manual, entretanto, quem se lembra da utilidade das aberturas do diafragma F/1.6, F/5.6? O que é ASA ou ISO? É mais cômodo deixar programada no ícone automático e confiar nas habilidades técnicas do aparelho.

Essas novas câmeras digitais, que começaram a chegar ao mercado na década de 1990, tinham a qualidade de imagem muito inferior comparadas às analógicas. As fotografias, tiradas em baixa resolução, leia-se quantidade de pixel, causavam insatisfação ao imprimir as fotografias. Como não se dominava a quantidade de pixel necessário para fazer uma boa ampliação, era comum imprimir nos modelos de 10 x 15 causando a distorção da imagem, que saíam mais borradas do que utilizando outros modelos convencionais de câmera. Atualmente, há modelos que disparam sozinhas quando focalizam um sorriso, mantêm a instabilidade da imagem e não borram os objetos fotografados em movimentos e a qualidade das imagens igualou-se aos antigos filmes.

E como são feitos os registros nas câmeras digitais? O tradicional filme foi substituído por um sensor CCD, sensível a luz. Hedgecoe, explica:

Enquanto muitos componentes das câmeras comuns e digitais são os mesmos, há outros exclusivos das digitais, sendo o mais importante o sensor digital de imagem (chip). Ele se compõem de milhares e milhões de minúsculos elementos pictóricos, os pixels. Estes medem individualmente a intensidade da luz que os atinge e criam um sinal eletrônico. Pixels diferentes registram as cores primária, e coletivamente desenvolvem uma detalhada fotografia ponto a ponto da imagem. (HEDGECOE, 2005, p. 28)

Quanto mais pixels têm um sensor, mais detalhada e maior será a fotografia, e não se pode tocá-lo, todos os componentes são extremamente sensíveis a impactos, quedas, riscos. Além do CCD, que capta as imagens e as converte em sinal digital, dentro da câmera há um sistema de memória que as grava ou envia para um cartão de memória removível e reutilizável. Como utiliza a mesma tecnologia binária dos computadores tornou-se possível transferir rapidamente as imagens para outros suportes técnicos de armazenamento.

O visor ganhou uma ampla área de visualização, mais moderna e eficiente com a tela de LCD e faz a felicidade de quem antes costumava cortar braços ou cabeças das pessoas fotografadas. Dessa forma, o enquadramento não exige esforço, basta olhar rapidamente e clicar. A visualização instantânea permitida somente com as câmeras Polaroid é uma das principais características, com algumas diferenças: na Polaroid visualiza-se a fotografia

revelada em um processo que começa dentro da própria câmera com material exclusivo para esse fim. Depois de revelada, tem-se um único exemplar de fotografia e não há possibilidades imediatas de reprodução.

O aumento nas vendas dos celulares com câmeras despertou o interesse de Phil Faraci presidente da Divisão de Imagem Digital para Consumo do grupo Kodak. Em uma conferência feita em 2006, na Florida/USA, para um grupo de funcionários, refletiu sobre as mudanças que estavam acontecendo rapidamente e exigiria, também, uma mudança na forma de tratar os consumidores domésticos, que gastam com as suas fotografias de família e procuravam os serviços oferecidos pela empresa. Faraci questionou o destino das fotografias feitas, já que ao utilizar câmeras digitais o consumidor tem a propriedade total, irá fazer delas o que quiser, não está mais preso a um processo fotoquímico. É a era da portabilidade marcando lugar também na área da fotografia. Faraci complementa:

Farei uma predição: em 2010, minha expectativa é de que todo o mundo tenha uma câmera em seu bolso, o tempo todo. Os celulares-câmeras se tornarão dispositivos com capacidade fotográfica de altíssima qualidade (...) Eles provavelmente não serão usados para tudo o que uma câmera pode ser usada – por exemplo, eventos especiais, como casamento, formatura ou qualquer coisa de nível profissional (FARACI, 2006,p.9)

As observações de Faraci são relevantes, pois demonstra que a indústria de produtos fotográficos tradicionais despertou tardiamente para atual realidade de mercado, hoje, dominado pelas celulares com câmera.

São inúmeras as possibilidades oferecidas aos consumidores pelos novos equipamentos e software de edição. Uma velha fotografia descolorida pelo tempo, ganha renovação, brilho e cor, sendo novamente fotografada ou escaneada como feito nos negativos há mais de 10 anos. Siqueira resumiu em um quadro aos novos paradigmas da fotografia:

FOTOGRAFIA – NOVOS PARADIGMAS	
De	Para
Analógico	Digital
Fotoquímico	Eletrônico
Físico	Virtual (web)
Fixo	Móvel (celular)
Perecível	Duradouro
Distribuição individual	Distribuição universal

Quadro 2 - Quadro comparativo da transição da tecnologia analógica para a digital

No quadro mostra-se o caminho tomado pela fotografia, frente aos processos tecnológicos. Se antes tínhamos um sistema analógico, hoje a fotografia passou a ser digital e se a revelação usava um processo fotoquímico na materialização física do processo, atualmente ele é eletrônico e virtual. Outra grande mudança é que se antes as câmeras eram utilizadas de forma fixa, hoje, até crianças vão a escola com celulares com câmera e, neste sistema móvel, podem registrar esses momentos para dividi-lo com familiares ou armazená-los.



Fotografia 15 - JoãoGilberto, Camila e Matheus - 2008²³

3.3. Recursos tecnológicos de expansão da memória

Todos nós passamos a ser historiadores do presente, somos cidadãos que reconhecem seu pertencimento à história. O principal objeto do fazer histórico é a construção das imagens na preservação do passado familiar e consideramos que fazer história não se trata de discutir o valor real dos fatos na história, mas eternizar nos arquivos de álbuns físicos ou virtuais nossa percepção das condições históricas nas e pelas quais cada acontecimento é percebido. Assim, a imagem, que revela o ir e o vir do material histórico de toda a humanidade, nos interessa antes de tudo como cidadão, como homem do presente, mas diante dos acontecimentos, dos fenômenos, dos problemas importantes, nossos arquivos podem ser explorados e tornamo-nos historiadores que aliviam o presente de seu autismo

As novas tecnologias surgem a serviço da preservação da memória cultural. Não se trata de colher o que restou das nossas memórias, mas sim incorporá-las, absorvê-las como ferramentas de construção da história da vida das pessoas.

²³ Fotografia do acervo pessoal da pesquisadora, registrada com câmera de telefone celular

As conseqüências das realidades sociais afetam as famílias e passam a fazer parte das suas histórias particulares. Imagem que revela o ir e o vir do material histórico de toda a humanidade. Em momentos trágicos como as catástrofes naturais e períodos de guerra vividos por uma comunidade, cidade ou país, parte das histórias e memórias dos cidadãos são levadas junto com as vidas que se perdem.

Esses espaços humanos são verificados por sua predileção à função social, áreas que pareciam ter sido construídas para cultivar mitos, espaços profanos e todo o tipo de atividade, desde as mais simples às mais complexas.

A preservação destes espaços de vida poderá gerar conhecimento, o saber ser e suas origens, tornar pública a história da própria cultura tornando o seu modo de vida e relação com a vida uma visão a ser aprendida, portanto, revelam os hábitos, desejos, crenças, conceitos de beleza e estética, formas de produção científica e todas as manifestações emocionais vividas por uma família. Estas são as relações plurais que os documentos e objetos podem ter como estatuto de preservadores da memória e propulsores de novas realizações dos grupos sociais.

A fotografia de família pode ser considerada um patrimônio, um mosaico constituído de cada olhar humano transformado em suas diferenças e união delas, dando garantia de reconhecimento e formação para as novas gerações. Uma responsabilidade social, cultural a ser preservada e transmitida às crianças, aos jovens de todo os tempos de agora e vindouros, trata-se da formação do pensamento.

A preservação da memória pode ser construída pelas diversidades e não por uma unanimidade do humano no mundo e suas variadas formas de vida e expressão, e, o não ver a si é, simplesmente, não ver.

No sofrimento vivido nas tragédias, nem sempre é possível recuperar o material que representa a memória.

Mandei revelar minhas fotos da viagem à Califórnia numa lojinha de Carmel, uma espécie de Búzios perto de San Francisco. Quando voltei, a atendente, tensa e desolada, me declarou que não conseguia encontrá-las, mas que iria fazer tudo para que eu as tivesse, pois sabia que quando há um terremoto, as pessoas voltam aos escombros só para procurar seus álbuns.²⁴

²⁴ Revista da Folha. 21/01/2007- O bem mais precioso. Francisco Daudt. São Paulo-Capital.

Algumas referências deixarão de existir, mas isso não significa o fim. É possível reconstruir e preservar as novas histórias, com recursos fornecidos pela tecnologia digital. A compressão de tempo e espaço expande inúmeras vezes a capacidade de armazenamento, permitindo compartilhar e dividir informações essenciais para o desenvolvimento humano e social.

Os recursos tecnológicos de expansão da memória não são criações da sociedade contemporânea. Le Goff (2003) dedicou um capítulo de seu livro *História e Memória* e fez uma busca minuciosa sobre a formação da memória nos diversos campos do conhecimento. Transitou pela biologia, história, filosofia, antropologia, psicologia, sociologia e informática. E, em cada uma delas trouxe uma explicação, um esclarecimento para demonstrar os caminhos traçados pelo homem, com seus mitos e deuses criados, a fim de compreender o que é a memória.

Le Goff (2003, p.433), afirma que para Platão a invenção da escrita enfraqueceu a memória, por transferir a memorização do conhecimento para outras formas de armazenamento. A escrita é considerada, portanto, um dos primeiros recursos tecnológicos de expansão da memória. Depois, comenta a cristianização da memória, a partir da Idade Média, representado por Santo Agostinho, responsável pelos textos da obra *Confissões*, que procura Deus no fundo da memória, caracterizando a memória cristã como essencialmente ligada a comemoração dos dias santos, permitindo o relembrar.

É interessante perceber como explica as funções da memória biológica e partir desse princípio abre uma ampla abordagem para a conceituação de memória coletiva e comenta ainda transferência de informações aos novos cérebros criados pelo homem para os computadores. Le Goff (2003, p. 462) afirma que o desenvolvimento da memória no século XX, sobretudo depois de 1950, constitui uma verdadeira revolução da memória, e a memória eletrônica não é senão um elemento, sem dúvida o mais espetacular. E está centralizado nesse recurso o maior espaço de armazenamento de informações da história da humanidade. Levy complementa:

Os suportes de gravação e leituras automáticas de informação são geralmente chamados de “memória”. A informação digital pode ser armazenada em cartões perfurados, fitas magnéticas, discos magnéticos, discos óticos, circuitos eletrônicos, cartões com chip, suportes biológicos etc. Desde o início da informática, as memórias têm evoluído sempre em direção a uma maior capacidade de armazenamento, maior miniaturização, maior rapidez de acesso e confiabilidade, enquanto seu preço cai constantemente. (LEVY, 1999, p.34)

O autor relacionou os diversos suportes de armazenamento de informações existentes na época da primeira edição do livro *Cibercultura*. Algumas previsões feitas por ele já foram superadas há muito tempo. Entretanto, as tecnologias digitais trazem novas reflexões como as feitas por Martin-Barbero sobre a memória:

Poucas mudanças são tão desconcertantes como as que afetam a nossa percepção coletiva do tempo. Enquanto uns denunciam exaltadamente a amnésia histórica, outros ostentam a atual “explosão da memória”, e outros indicam a complementariedade entre ambas atitudes e movimentos (...) Por outro lado , a febre de memória é também crescente: desde o crescimento e expansão dos museus nas duas últimas décadas à restauração dos velhos centros urbanos. (MARTIN-BARBERO, 2006, p.71).

Sua reflexão é direcionada aos caminhos tomados pelo paradoxo da percepção do tempo. Enquanto uns denunciam a amnésia histórica, vê-se uma explosão da memória que não se limita somente ao mundo material, mas expande-se, principalmente pelo universo digital, na criação de museus virtuais. Um exemplo bem sucedido no país é o Museu da Pessoa, fundado em 1999, iniciou as suas atividades colhendo histórias dos moradores da cidade de São Paulo. Em uma pequena sede, viu crescer o trabalho que tem como objetivo a democratização da memorial social, formada a partir das memórias pessoais.

Atualmente o museu é uma referência e mantém parcerias com outras instituições no exterior. À medida que são feitos os relatos de vida, juntam a esses materiais diversas fotografias. Em todas as páginas do museu virtual são apresentadas as fotografias de família. A digitalização permitiu ampliar as formas de armazenamento e principalmente de distribuição do material.

Nesse caso, as histórias reservadas ao ambiente privado tomam um novo curso e se abrem com consentimento para o público. Como é possível fazer hoje com os fotolog's. Segundo Sanz:

A vida privada não é mais um segredo a ser protegido pelos guardiões da família; a experiência pessoal, tanto individual como familiar, é objeto de interesse pela intimidade constituem os dois eixos mutuamente conectados e acentuados pelos dispositivos midiáticos ,que configuram o universo da visibilidade . (SANZ, 2005, p.9)

Os fotolog's são apenas uma opção para os apaixonados pela fotografia. A exposição pública é autorizada ,entretanto , outras recursos de expansão da memória estão disponíveis , como o Picasa e o Flickr. Em seus programas os usuários optam por manter o acervo para visualização pública ou privada. Esses dois exemplos são os mais populares no país, pois

organizam os álbuns virtuais além de permitir o compartilhamento com familiares e pessoas amigas.

O Picasa também oferece opções para editar as fotografias e fazer pequenas correções. É tão fácil de usar que até crianças brincam com as alterações feitas. Como podem ser conferidas abaixo



Fotografia 16- Camila vestida de noiva caipira / 1999²⁵

As alterações não comprometem a informação que a fotografia traz, pelo contrário, quando não podem ser feitas em suas próprias casas, são solicitadas às lojas que oferecem os serviços. Nesses casos não são discutidas a veracidade ou credibilidade da fotografia, ou qualidades estéticas. O que o fotógrafo amador deseja é ver a sua fotografia ainda mais bonita, se possível corrigida em suas pequenas falhas, para que por meio dela, seja preservada a sua memória.

²⁵ Acervo pessoal da pesquisadora. Fotografia registrada com câmera mecânica, depois foi feita foto da foto e transferida para o álbum do Picasa e feitas edição da imagem

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como característica a interdisciplinaridade. A aparente miscelânea de áreas demonstra o quanto cada uma está interligada favorecendo uma maior compreensão do objeto da pesquisa: a fotografia. A metodologia escolhida, a bibliográfica, permite transitar por caminhos que se entrecruzam e compatibilizam conceitos similares. As fontes primárias estavam concentradas em Mcluhan, Leite, Kossoy, Bourdieu, Barthes, Santaella, Morin, Izquierdo e Levis-Strass. As palavras família, fotografia, memória e tecnologia percorreram todo o trabalho e no primeiro momento buscou-se contar a história da chegada da fotografia no meio familiar. Para isso, foi preciso retornar ao século XIX para mostrar as principais referências relacionadas ao tema. Nos textos de Mauad e Vásquez, dois historiadores, foi possível perceber que o nosso país foi privilegiado na introdução e na adoção da tecnologia fotográfica, ainda quando era dominada pelos daguerreótipos.

A principal referência nesse período está centralizada na família Imperial, representada por Dom Pedro II, um reconhecido admirador das artes e das fotografias. Naquele tempo, fotografar a família era sinônimo de status e atendia a conservadora convenção social da classe dominante e não havia relação direta com a memória. O mercado brasileiro foi promissor para os estrangeiros que faziam do seu ofício um retrato cultural e permeavam os olhares dos brasileiros, com os seus apurados olhares de visitantes. Logo após a menção histórica, introduziram-se alguns conceitos sobre a família para entender como era formada, como passou por transformações até o conceito ampliado da atualidade. O modelo ocidental tradicional constituído por um casal formado por um homem e uma mulher, unidos oficialmente pelo casamento, que vigorou durante centenas de anos perdeu força, contudo não deixou de ser o núcleo social mais importante. Nessa fase, foram estudados Engel, Levi-Strauss, sua discípula Gough, pela antropologia e seguiu-se com as contribuições da sociologia com Giddens, Romanelli e Reis.

Entre os autores incluídos na pesquisa, um trecho foi aberto somente para apresentar a relação pessoal de Barthes, Baudelaire e Proust com o tema. Esses autores foram expostos na intimidade para comprovar o valor que cada fotografia de seus entes queridos, no caso a figura materna, teve em suas vidas, e o quanto eles as colocavam distantes das discussões acadêmicas. Eram as preciosas fotografias de suas famílias.

Na continuidade do primeiro capítulo foram destacados dois importantes trabalhos: a pesquisa de campo feita por Bourdieu na década de 1960, com camponeses -um estudo sobre

o uso social da fotografia - e o realizado por Leite - uma pesquisa histórica sobre fotografias de imigrantes. Esses dois trabalhos foram essenciais para delinear as respostas para hipóteses que norteiam esse trabalho.

Na segunda parte do trabalho, a abordagem interdisciplinar foi apoiada na neurociência. Mostrar os tipos e memórias existentes e como acontece o seu processamento foi prioritário para dar sustentação à hipótese formulada. Antes disso, porém, Santaella e Morin, dois autores de áreas diferentes foram expostos defendendo a interdisciplinaridade comprovando que é possível encontrar compatibilidade dialógica em textos sobre memória biológica e fotografia.

A memória humana está predestinada ao esquecimento. Parece contraditório, mas é assim que acontece no processamento de informações diárias, como se gravassem e desgravassem todos os dias. Na pesquisa bibliográfica foram incluídos os textos do neurocientista Ivan Izquierdo por explicarem com clareza o funcionamento da memória. Ainda foram citados autores da área de História, como Freitas e Pollack. Cada um trouxe de sua área específica, conteúdos que se complementaram.

Logo depois, entrou em cena, McLuhan (2005), mesmo no trecho dedicado a neurociência, foi importante recortar a teoria defendida em seu livro *Os meios de comunicação como extensão do homem* para mostrar a possibilidade de incluir a fotografia como extensão da memória humana. No decorrer do trabalho foram extraídas informações relevantes sobre a teoria que apóia a pesquisa. Foi observado que o autor não descreveu com clareza de que forma a fotografia é considerada extensão. Por isso, o maior desafio foi trazer nas fotografias de família os exemplos para sustentar a abordagem. As famílias fotografam porque reconhecem as fragilidades da memória humana e fatos importantes como o nascimento/crescimentos dos filhos e os casamentos são eventos singulares que precisam ser preservados. A fotografia preserva a memória humana estendendo as suas imagens em arquivos impressos ou eletrônicos fragmentos dos fatos vividos por cada um.

Na última parte do trabalho, destinada aos aspectos mais técnicos da fotografia e sobre a transição da tecnologia analógica para a digital, a interdisciplinaridade foi menos sentida. As trocas de informações entre os autores estudados que estavam concentrados nas fontes primárias foram absorvidos nos dois primeiros capítulos. Sendo, portanto, mais trabalhadas as fontes secundárias. Algumas questões sobre a adoção da tecnologia pelo homem – aqui afastou-se intencionalmente do termo família - foram abordadas, para fundamentar o uso de recursos e objetos tecnológicos criados para atender as necessidades, substituir tarefas diárias e potencializar os seus sentidos. Mas também, de como a tecnologia se aproveita de órgãos do

corpo humano para criar novos materiais ou sistema de transmissão de informações, tendo como referência, por exemplo, o sistema nervoso central.

No segundo item, retornou-se a fotografia destacando as relações comerciais entre os consumidores domésticos e as empresas fornecedoras de produtos. Na transferência da tecnologia analógica para a digital, as mudanças não foram percebidas somente no processo de compra e venda. A mudança foi mais significativa no ato fotográfico, com a ampliação de serviços, técnicas e opções oferecidas. A adaptação do consumidor doméstico, acostumado a registrar os eventos, foi relativamente rápida, a medida que a qualidades das imagens digitais melhoram e permitiram expandi-las para outras formas de armazenamento.

As novas tecnologias digitais potencializaram definitivamente o número de registros fotográficos. As novas câmeras trouxeram benefícios irreversíveis, como a visualização imediata das fotografias e os cartões de memórias com arquivos renováveis, libertaram os consumidores domésticos, dos limites impostos pelos tradicionais filmes, com 12, 24 ou 36 poses. A hipótese formulada foi confirmada. A fotografia é sim, um recurso utilizado como meio para preservação das histórias vividas e manutenção da memória de cada família.

A formação da memória familiar perpassa pelos mais diversos tipos de pequenos retratos aos álbuns de fotografia, aqui, caracterizados principalmente pelos de casamento e dos filhos pequenos. A fotografia entrelaça as narrativas, a família se identifica se vê, se reencontra nos momentos que visualiza as fotos. Permite ainda, sentir a presença dos que não pertencem mais ao mundo dos vivos. É tudo o que resta deles. Como o “sorriso de Isabela Nardoni” - menina supostamente assassinada pelo pai, no primeiro semestre deste ano - que “assombrou” os lares brasileiros por meio da mídia, com seu sorriso encantador. São as fotografias da família que saem dos lares para mostrar nos momentos de tragédia, “quem foi”, ou “quem é”, estampada nas camisetas utilizadas das manifestações públicas e nas matérias jornalística.

A fotografia de família tem a força arrebatadora de evocar a lembrança, nem sempre em ordem cronológica. As memórias vão e vem sem se preocupar com roteiros estabelecidos. Da área da comunicação social foram estudados autores com profundo conhecimento na área. Entre eles destaca-se Kossoy, seus textos foram alentos para o trabalho, mesmo não tendo um específico sobre fotografia de família, deixou em vários outros fragmentos valiosos e uma contribuição inestimável. Cada um dos autores estudados contribuiu diretamente para o desenvolvimento do tema.

Família, fotografia, memória e tecnologia foram os temas trabalhados ao longo do desenvolvimento da pesquisa, em momentos diferentes, cada uma foi revelada em suas especificidades. A fotografia, portanto, não pode ser considerada apenas um suporte para exposição de uma imagem, seja ele impresso ou em bits. Sua abrangência cruza as fronteiras das diversas áreas do conhecimento, permitindo que seja analisada, percebida, investigada em campos pouco explorados, principalmente em abordagens interdisciplinares pela comunicação social. A interface rompe com paradigmas ultrapassados e abre oportunidades para os pesquisadores que pretendem seguir as pequenas trilhas abertas pelo estudo interdisciplinar.

Visualizar a fotografia como extensão da memória biológica humana é apenas uma das faces a serem descobertas.

BIBLIOGRAFIA

- AMAR. P-J. **A história da fotografia**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- ANDRADE, R. **Fotografia e antropologia – olhares fora- dentro**. São Paulo: EDUC, 2002
- CORNU, L. **Neurocomunicação – para compreender os mecanismos da comunicação e aumentar as competências**. Caixias do Sul :EDUCS, 2004
- BARTHES, R . **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- BARROS, de R. **Cultura um conceito antropológico**. 21ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007
- BRASSAI. **Proust e a fotografia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005
- BENJAMIM. W. **Obras escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994
- BOURDIEU. P. **Un arte medio**. Barcelona: Editora Gustavo Gilli, 2003.
- _____ ; BOURDIEU, M.C. **O camponês e a fotografia**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, nº 26, jun 2006. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782006000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 12 de jun, 2008.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: TA Queiroz, 1979.
- _____. **O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BUCCI. E. Meu pai, meus irmãos e o tempo. In: MAMMI, L; SCHWARCZ, L. **8 x fotografias: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BUITONI, D. Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real. **Libero**, São Paulo, ano X, nº 20, dez 2007, p. 103-111.
- CHAUÍ. M. **Janela da alma, espelho do mundo**. In: NOVAES, A. O olhar. São Paulo, Cia das Letras, 1988, p. 31-63.
- COSTA, H; SILVA, R.R. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CRUZ, C; RIBEIRO, U. **Metodologia científica- teoria e prática**. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil Editora, 2003.
- DUBOIS, F. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.
- ECO. U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977
- ENGELS. F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Global, 1984
- FABRIS, A. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004

- FENTRESS, J; WICKAM, C. **Memória do social**. Lisboa: Editorial Teorema, 1992
- FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba, 0Brasília, 2004.
- FREITAS, S.M. **História oral – possibilidades e procedimentos** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004
- GREGG, V. **Memória Humana**. Rio de Janeiro: Zahar Editores: 1976
- HALBWACHS, M.A **memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004
- HEDGECOE, J. **O novo manual de fotografia** Curso. São Paulo: SENAC, 2005
- IZQUIERDO, I. **Questões sobre memória**. RS: Editora Unisinos, 2004
- _____. **A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento**. Rio de Janeiro: Vieira & Lente, 2004
- _____. IZQUIERDO, I. **O Mecanismo da Memória**. Disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=6979> / Acesso dia 15 de outubro 2008
- JEUDY, H.P. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- _____. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- _____. **Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia**. In: SAMAIN, E. **Fotografia**. 2ª. Ed. São Paulo: SENAC, 2005. P.39-45.
- _____. **Hercules Florence – 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. São Paulo: Duas Cidades, 1980.
- LEITE, M.L.M. **Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente**. In: SAMAIN, E. **Fotografia**. 2ª. Ed. São Paulo: SENAC, 2005. p.33-38
- _____. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- FARACI, P. **Colhendo os frutos do próximo capítulo da era digital**. Florida, 2006. Disponível em: http://wwwbr.kodak.com/US/plugins/acrobat/en/corp/pressCenter/faraci_pt-br.pdf. Acesso em: 28 nov, 2008
- LÉVI-STRAUSS, C; GOUGH, K; SPIRO, M. **A família – origem e evolução**. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1880.
- LEVY, P. **Cibercultura** . São Paulo: Ed.34, 1999

- LIMA JR, W. T. **Formação das bases conceituais e criação de UML (Unified Modeling Language) visando à produção de software para pesquisa e validação qualitativa de fontes de informação jornalística.** São Bernardo do Campo: Metodista, 2007
- MARTIN-BARBERO. J. Tecnicidades, identidades, alteridade: mudanças e opacidades. In: MORAES, D. **Sociedade midiaticizada.** São Paulo: Mauad, 2006.
- MAUAD, A. M. Imagem e auto-imagem no Segundo Reinado, In. MORAES. F; ALENCASTRO, L. F. **História da vida privada no Brasil**, v2. São Paulo: Companhia das Letras: 1997.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** São Paulo: Cultrix, 2005
- MCLUHAN, S; STAINES, D. **Mcluhan por Mcluhan : conferências e entrevistas .** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- MORIN, E. **De cabeça bem feita – repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- NEGROPONTE, N. **A vida digital.** São Paulo: Cia das Letras, 1995
- NOVAIS. S. C. O uso da imagem na antropologia. In: SAMAIN.E. **Fotografia.** 2ª. Ed. São Paulo: SENAC, 2005. P.111
- PEREIRA, V. A. **Consciência e memória como objetos da comunicação: o approach de Marshall Mcluhan.** Porto Alegre, Revista FAMECOS, nº 14, jun 2004. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/24/Vinicius.pdf>. Acesso em 10 de jun. 2008
- POLLACK, M. **Memória e identidade social.** In: Estudos Históricos, 5(10). Cpdoc/FGVRio de Janeiro, 1992.
- _____. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** In: Estudos Históricos, 2(3). Cpdoc/FGV: Rio de Janeiro, 1989
- RENNÓ, Rosangela. **Bibliotheca.** Barcelona: Editorial Gustavo Gill, 2003
- REIS, J.R.T. **Família, emoção e ideologia.** In. LANE. S; CODO, W. Psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- RICCEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Editora Unicampo, 2007
- ROCHA. E. A casa digital e o edifício inteligente. In: SIQUEIRA, E.org. **Tecnologias que mudam as nossas vidas.** São Paulo: Saraiva 2007, p.74- 105
- ROSE, S. **O cérebro consciente.** São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1984
- ROMANELLI, G. **Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade.** São Paulo: USP, 1986
- SAMAIN, E. Um retorno à Câmara Clara: Roland Barthes e a Antropologia visual. In:

SAMAIN. E. **Fotografia**. 2ª. Ed. São Paulo: SENAC, 2005. p.117-128.

_____ ; FELIZARDO, A. A fotografia como objeto e recurso da memória. **Discursos fotográficos**, Londrina, v1, jan/dez.2005.

SANTAELLA. L. NOTH. W. **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. São Paulo. Iluminuras, 1999.

_____. **Novos desafios da comunicação**, volume 4 ,nº 1, jan/jun. 2001.

Disponível em: <http://www.facom.ufjf.br/lumina/R5-Lucia.pdf>. Acesso em: 15 de out.2008

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1999

SCHACTER. D. L. **Os setes pecados da memória – como a mente esquece e lembra**.

Rio de Janeiro: Rocco, 2003

SHAPIRO. C; VARIAN, H. **A economia da informação: como os princípios econômicos se aplicam à era da internet**. Rio e Janeiro: Ed. Campus: 1999

SIQUEIRA, E. Construindo a sociedade da informação. In: SIQUEIRA. E, org. **Tecnologias que mudam nossa vida**. São Paulo: Saraiva 2007. P.13-49

STERBER. M. Quando a memória acaba. **National Geographic Brasil**, São Paulo, ano 7, nº 92, novembro 2007.

STICKGOLD, R; ELLENBOGEN. Dormir e lembrar. **Mente&Cérebro**. São Paulo, ano XVI, nº 191, p.30-37, dez 2008.

STRAUBHAAR, J; LAROSE, R. **Comunicação, mídia e tecnologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004

SONTAG. S. **Sobre fotografia**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

VAN DE GRAFF. **Anatomia Humana**. Barueri: Manole, 2003

VASQUEZ, P.K. **O Brasil na fotografia oitocentista**. São Paulo: Metalivros, 2003.

WIENER, Norbert. Cibernética e sociedade – o uso humano de seres humanos. São Paulo: Cutrix, 195

Outras fontes

Kodak Company. <http://www.kodak.com.br>. Acesso em 05/12/2008

Portal UOL: <http://www.educacao.uol.com.br/ciencia/ult168u27.jhtm>. Acesso em 27/11/2008

Senado Federal: http://legis.senado.gov.br/con1988/CON1999_05.10.1988/art_226_.htm.

Acesso em 19/05/2008

